

ILUSTRAÇÃO



BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
P O R T U G U E S A



Variadas e
saborosíssimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

HOMENS SENHORAS CRIANÇAS



Todos podem ganhar uma fortuna . . .

A distinta Actriz Sr.^a D. Amélia Rey Colaço, que faz parte do júri.



É para os que gostam de tirar fotografias do filho gaiato e travesso, dum lindo recanto de paisagem, das diabruras de um gato ou da atitude cómica do cãozinho, que o Concurso Internacional Kodak tem mais interesse.

Tudo serve, principalmente no verão, para fazer lindas fotos capazes de fazerem ganhar uma grande fortuna.

O fim do Concurso é premiar os autores das fotografias mais interessantes e seria lamentável deixar perder uma tão excelente ocasião. Póde acontecer que a sua primeira foto seja a destinada a ganhar os prémios máximos, visto não serem de modo algum necessários conhecimentos técnicos.

Um júri composto de personalidades eminentes distribuirá os prémios às 6 classes de fotografias em que se

O ilustre escritor Sr. Dr. Souza Costa também faz parte do júri encarregado da classificação dos trabalhos.



● Talvez uma foto como esta, de vosso filho, seja a destinada a triunfar.

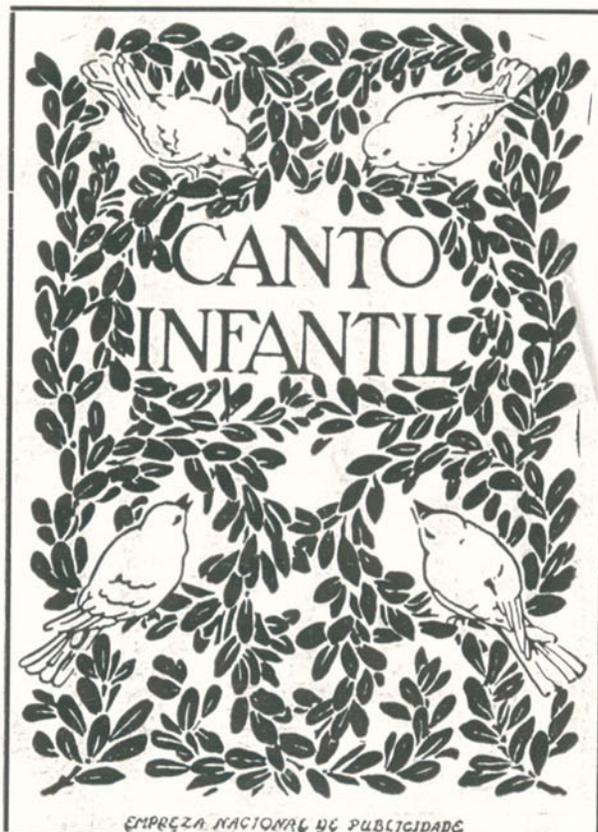
● Para garantia dos vossos trabalhos exige a Pellicula «Kodak», na caixa amarela com a inscrição «Kodak-Film».

divide o Concurso, segundo os motivos das mesmas, e as que obtiverem o primeiro prémio de cada classe irão disputar o Grande Concurso Internacional a realizar em Genebra.

Pedir a qualquer revendedor «Kodak» ou à «Kodak Ltd.», Rua Garrett, 33 - Lisboa, as condições do Concurso

CONCURSO INTERNACIONAL "KODAK"

para fotografos amadores 375.000 escudos de prémios



Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

VERSOS de Afonso Lopes Vieira
MUSICA de Tomás Borba
ILUSTRAÇÕES de Raul Lino

«Esta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

PREÇO: 10\$00

A' venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 — e em todas as livrarias

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume DA BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS **O PRETINHO DE ANGOLA**

por **CESAR DE FRIAS**

com ilustrações de Ilberino dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctissima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS

MAGAZINE BERT RAND O PRÉ-TRIP



(LEGÍTIMO W. B. W. ALEMANHA)

Único hidrofugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Suer.

GALERIA DE PARIS, 42.—PORTO

Depositarior em Lisboa: S. RAMOS LDA.—Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

Novidade Sensacional Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente on- dulados para toda a vida ! :

Uma mancha geral procedese da seguinte forma :
Lavem-se os cabelos e seque-se pouco, depois de
desembaralhados com um pente apropriado (desem-
baralhador) pentear com a cabeça alçada humida,
com o PENTE ONDULADOR, de forma que as
ondas do pente se vão dirigidas para o exterior.
Fazer deslizar o pente através dos cabelos, na
posição indicada acima de 10 a 15 vezes, e assim se
obtem uma linda ondulação para sempre.



Preço Esc.
15\$00

Exclusivo de venda :
ACADEMIA SCIENTIFICA
D. E. B. E. L. E. Z. A
M. CAMPOS
Av. da Liberdade,
35 — Lisboa

O excesso de ácido úrico é perigoso para todos, porque provoca um envenenamento do sangue. É o principal causador do Artrismo. É uma verdadeira grilheta que se póde arrastar toda a vida. O tratamento mais eficaz, fácil e económico consiste em usar sempre a água preparada com

Lithinés du Dr. Gustin

É o melhor regime a seguir, por sãos e doentes, para se preservarem das afecções produzidas pelo excesso de ácido úrico, como:

Reumatismo, gôta, calculos, collicas nefríticas e hepáticas, sciática, diabetes, etc.

Sómente por esta forma se evitará o envenenamento urático e suas consequências.

Acido urico



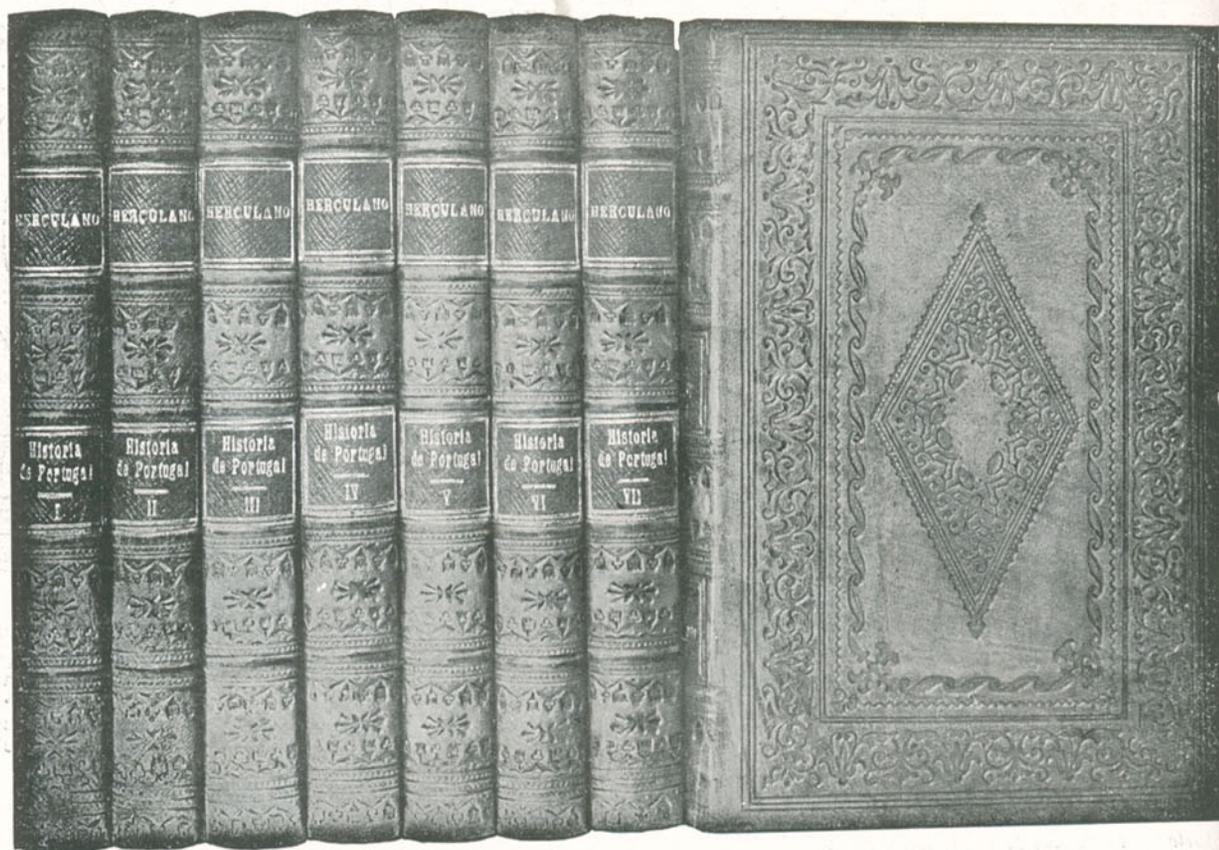
Não confundir com as imitações.

HISTÓRIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12 x 18, impresso em esplêndido papel

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume e brochura. Esc. 12\$00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . . . Esc. 16\$00

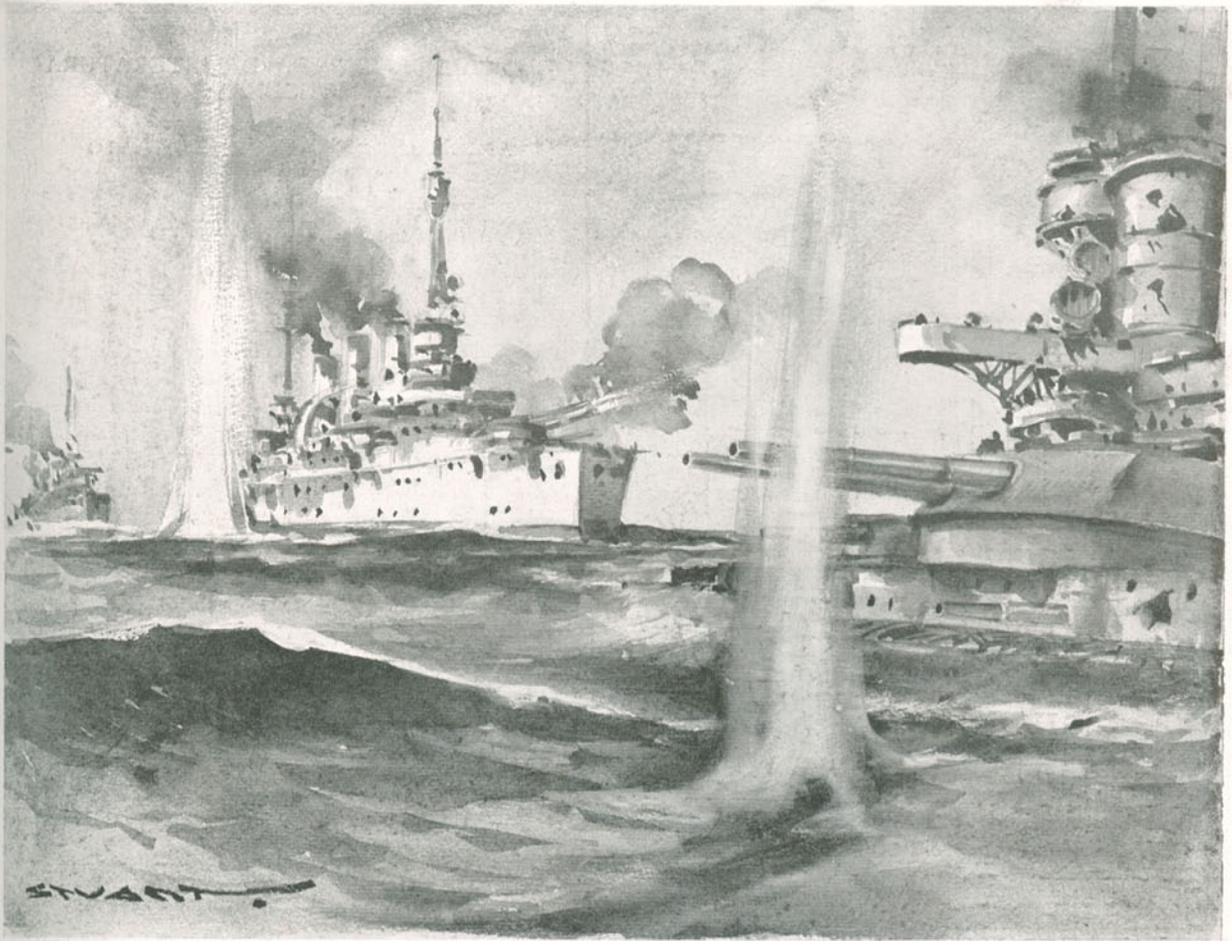
Idem, encadernado em carneira gra-

vada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado . . . Esc. 25\$00

COLONIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND ————— 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



OS GRILHETAS DO KAISER

por THEODORE PLIVIER
Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

**A epopeia trágica da esquadra
alemã e a sua destruição** ==

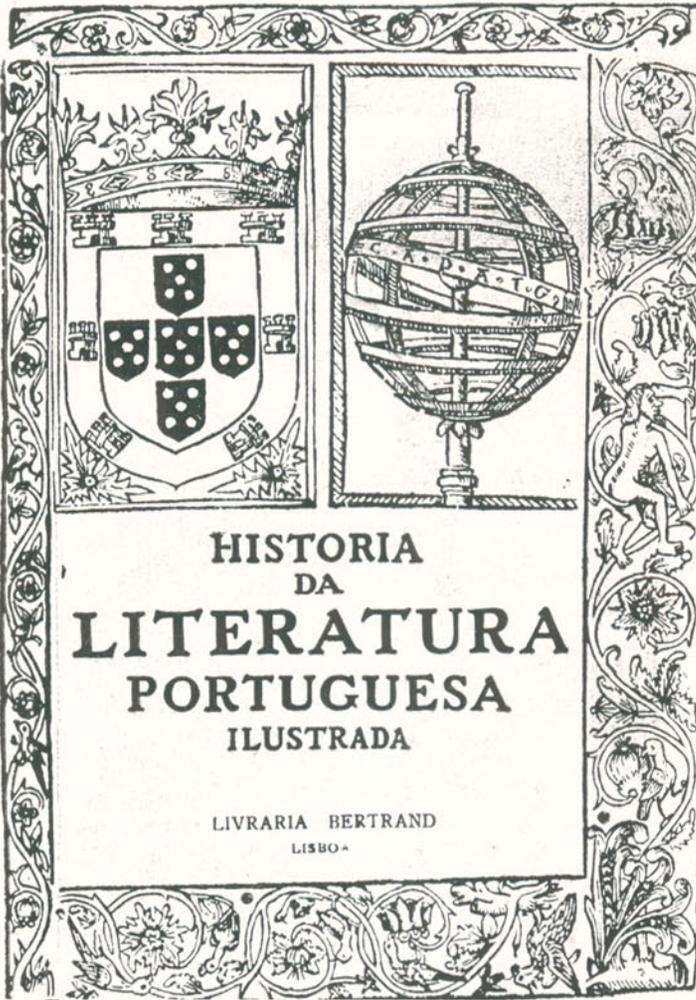
**A obra máxima sobre
a guerra europeia** ==

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as linguas, suplantou em exito o celebre "Nada de Novo na Frente Ocidental". Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessoas**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

**A sair brevemente o XXX tomo
A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE
EDITADA EM PORTUGAL**

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LACIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

“Antes prevenir ou curar que sofrer”

VICHY — reconhecidamente o melhor tratamento para todas as doenças do fígado e estômago e sofrimentos semelhantes

Época: ABRIL-OUTUBRO

Numerosos hotéis de todas as categorias — Casinos — Teatro — Corridas de cavalos — Golf — Tennis — Polo

Por vários médicos e em todos os grandes hotéis é falado o português

INFORMAÇÕES:
SYNDICAT
D'INITIATIVE
DE VICHY

VICHY

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CARBO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, **Pulverisações**, etc. — — — —

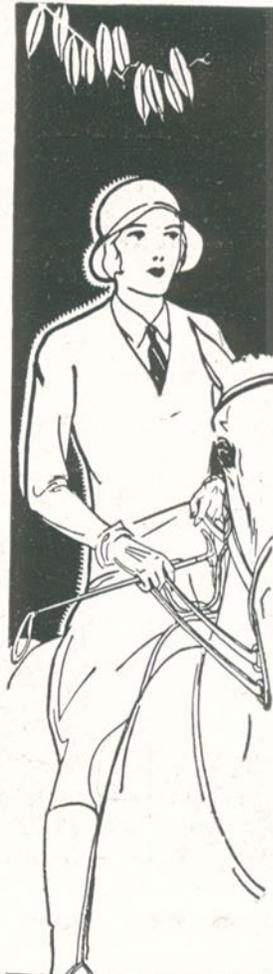
FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



Os desportos modernos requerem resistencia

Que belo é poder dançar, nadar, caminhar, praticar a equitação — gozar todos os prazeres da vida sem fadiga, cansaço, figurando sempre na vanguarda dos outros.

O meio mais facil de alcançar isto é tomando um alimento que dê vitalidade e energia. A Maizena Duryea é um dos melhores alimentos para dar vigor e resistencia.

É de paladar delicioso e economica tambem. Emprega-se em centenas de pratos apetitosos, incluindo «pudings», sopas, molhos e biscoitaria. É um alimento ideal para as crianças e adultos, atletas e invalidos

Permita-nos enviar-lhe um exemplar do nosso famoso livro de cozinha. Preecha e envie-nos o «coupon» abaixo.

MAIZENA DURYEA

Carlos de Sá Pereira, Ld.^a
R. dos Sapateiros, 115, 2.^o
LISBOA

Queira enviar-me um exemplar, gratis, do seu livro de cozinha.

Nome.....
Morada.....
Localidade.....



“EVA”

- uma linda capa -

Uma elegante primeira página — Uma sensacional página central — Os mais lindos dos figurinos — — —

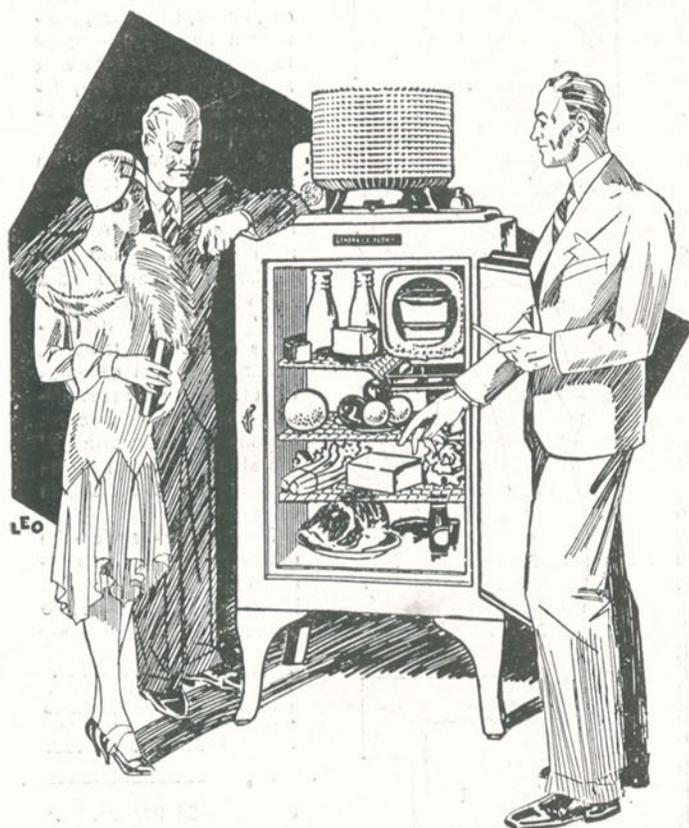
Primorosa colaboração literária:

Artigos, Crônicas, Critica literária,
Conselhos e advices, Culinária

GENERAL ELECTRIC

Refrigerator

A despensa higienica ideal



Mecanismo simplificado e silencioso consumindo muito pouca corrente

A sua grande simplicidade é o resultado de 15 anos de investigações e estudos nos laboratórios de electricidade da

GENERAL ELECTRIC Co.

de Schenectady, New York (U. S. A.), que, sem dúvida, são os maiores do mundo.

Todo o mecanismo está encerrado num envólucro de aço herméticamente fechado ao abrigo de poeiras e de choques

Não há correias de transmissão nem empanques por onde se escape o gás. — **Nunca precisa de ser lubrificado**

A marca
GENERAL ELECTRIC



é a melhor garantia de boa qualidade dum aparelho eléctrico

Scientificamente está demonstrado que a temperatura de 10° C. **é o limite**, além do qual não se deve passar para que os alimentos se não estraguem

Nos GENERAL ELECTRIC REFRIGERATOR mantém-se **automaticamente** uma baixa temperatura uniforme (compreendida entre 2 e 9° C.)

O Refrigerador GENERAL ELECTRIC REFRIGERATOR é **uma despensa ideal**. Nê se conservam muito tempo, em perfeito estado, tôda a espécie de alimentos, como leite, ovos, frutas, hortaliças, manteiga, queijos, carne e peixe

Além disso, **produz gelo** e podem-se fazer esplêndidas sobremesas geladas, saladas de frutas, sorvetes, etc.

Proteja a saude de sua familia instalando em sua casa um

General Electric Refrigerator

— Concessionario geral para Portugal e Colonias —

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º — LISBOA — Telef. 2 5347

ILUSTRAÇÃO

REDACÇÃO
Rua Anchieta, 31, 1.º
Telef.: 2 0535

grande revista portuguesa
DIRECTOR-ANTONIO FERRO

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: 2 3132



DEPOIS DE DESCOBRIREM O MUNDO E DE TEREM ERGUÍDO PADRÕES EM TODOS OS CONTINENTES, OS PORTUGUESES, NO SÉCULO XX, VIRAM-SE OBRIGADOS A CONSTRUIR UM PADRÃO EM PARIS PARA QUE O MUNDO OS DESCOBRISSE
NA CAPA — RETRATO DO CONDE DE ARNOSO, PASTEL INÉDITO DE COLUMBANO

Os nossos Estréllas tomam Banho



UMA reportagem a fazer numa praia de banhos.

- As sete da manhã?
- Não, às 4 da tarde. Hoje já ninguém toma banhos de madrugada.
- E o sol?
- O sol é o principal elemento... Um banho de sol, os raios ultra-violetas, o iodo do mar, a vida ao ar livre... Você está muito

atrasado!... Vai encontrar na praia algumas das nossas *estréllas* de revista...

- O quê? As actrizes tomam banhos de mar? Mas podem constipar-se, enrouquecer... e, depois, como hão-de representar à noite?
- Interrogue-as, colha impressões e aproveite para se modernizar.

De facto, que diferença das praias do meu tempo de menino e môço banhista! Antigamente, eram as barracas armadas junto da linha das ondas. A maré baixava, as barracas desciam; a maré subia, as barracas recuavam; isto para não se apanhar sol, para não se aquecer antes de entrar na água. Depois, três mergulhos e voltava-se correndo para a barraca para não se esfriar. E os banhistas saíam da praia tão embrulhados e tão agasalhados... como saem os espectadores do teatro em noites de inverno.

UMA VISÃO AMERICANA EM CAXIAS, A PRAIA DE SANTA MÓNICA PORTUGUEZSA, ONDE AS ESTRÉLLAS DOS NOSSOS TEATROS DE REVISTA COSTUMAM TOMAR BANHO—(Foto Oliveira, Portugal)



Agora quasi que não há barracas, mas toldos. Muitos banhistas vêm vestidos de casa... quero dizer despidos. Chegam à praia, tiram as alças das camisolas e estendem-se na areia, ao sol, os braços em cruz, e ali ficam a torrar. O sol vai-os queimando, enegrecendo... Há alguns tão negros que parece que nunca viram água, apesar de passarem os dias na praia.

Uns tantos, muito poucos, entram na água, duas braçadas, um mergulho e voltam a estender-se na areia para secar.

Lembra-me aquela história da mulherzinha que, tendo lavado as calças do marido e tendo-as posto a enxugar, elas encolheram tanto que não teve outro remédio senão lavar o marido e pô-lo também a secar.

DE CIMA PARA BAIXO — AS ACTRIZES GEORGINA CORDEIRO, MARIA CRISTINA, FILOMENA CASADO, MARIA HELENA, LUBELIA STICHINI E MARIA BRASO, — MARIA HELENA, DO MARIA VITÓRIA — LUBELIA STICHINI — MARIA BRASO (Fotos Oliveira, Portugal)





AS ATRIZES GEORGINA CORDEIRO, MARIA HELENA, MARIA BRASÃO, MARIA CRISTINA, LUBÉLIA STECHINI E FILOMENA CASADO — (Foto Oliveira, Portugal)l

No meio da praia, aos saltos, rolando pela areia, alegres e barulhentas lá estavam algumas das mais bonitas raparigas do nosso teatro de revista. E que alegria a delas! Pareciam um rancho de colegiais na hora do recreio, mas colegiais rapazes, colegiais garotos...

— Ó Filomena não me empurres.

— Eixo, eixo, rebaldeixo.

— Quem salta, agora, é a Lubélia.

E a Georgina, indo por detrás da Maria Helena, ferra-lhe um tal encontrão que caem as duas, uma para cada lado. E riem tôdas, riem muito, riem até às lágrimas, que os punhados de areia que umas atiram às outras, fazem chegar aos olhos.

Em volta forma-se um círculo de espectadores. As mulheres do teatro, como tudo que é teatro, têm uma atracção especial. E ouvese dizer:

— Vês a Beatriz Costa?

— Olha, aquela é a Maria Brasão; é muito bonita e fica muito bem em cena.

— A dos olhos grandes, é a Maria Cristina. Está no Variedades.

E elas continuam, indiferentes ao que se passa em volta, que a hora não é de representação, aos saltos, aos gritos, às risadas.

Agora, sobem para uma prancha de onde se deixam cair sobre a praia. É como que uma

chuva de estrélas, estrélas que fugiram à noite, para virem tomar um banho de sol.

E como é natural e lógica a alegria daquelas raparigas. Encarceradas horas e horas nos dois palcos dos camarins, apertadas tôda uma noite nas estreitas coxias do palco, e-las em plena liberdade, respirando o ar purificador que vem do mar.

Que grande palco aquele, e que lindo cenário! A fila dos toldos, um enorme reprêgo recortado na cortina azul das ondas. Nada de bambolinas nem de bastidores, que só servem para falsear as cenas. E, naquele palco, eu vi as nossas artistas brilharem, como nunca as tinha visto brilhar. É que, lá no alto, um enorme, um potentíssimo projector as iluminava: o Sol!

Ao sair deparou-se-me um quadro que me causou estranheza. Enquanto todos se deitavam ao sol, havia um preto que procurava a sombra para se estender. Alguém explica-me: — Como os brancos se deitam ao sol para ficarem pretos, o preto todos os dias se deita à sombra para ver se fica branco.

A Maria Helena estava a meu lado. Olhei-a, num olhar que era uma indicação e era um conselho...

LINO FERREIRA.



DE CIMA PARA BAIXO — MARIA CRISTINA, DO THEATRO VARIEDADES, GEORGINA CORDEIRO E FILOMENA CASADO, EM BAIXO, À ESQUERDA — A ATRIZ BEATRIZ COSTA, À DIREITA — AS NOSSAS ESTRÉLAS TOMAM BANHO — (Fotos Oliveira, Portugal)l





UMA CORISTA EM 1850 (MARIA AUGUSTA)

QUANDO a revista apégou em Portugal havia pelo menos já largos anos que bracejava pela Inglaterra e pela França.

Andrade Ferreira, no prólogo de *Os melhoramentos materiais*, revista de 1859 que subintitulou de *Comédia satírica e fantasmagórica* define-a assim: «É um resumo dos acontecimentos que deram uma fisionomia especial ao decurso do ano, personificados ou simbolizados em figuras que a sátira encara pelo seu lado cómico».

Pendo a crer, contra Sousa Bastos attribuindo-a a Francisco Palha que a primeira revista portuguesa, subiu à cena em dia de Reis de 1852 no Ginnásio e se intitulava *O festejo dum noivado*.

Eram três actos curtos, em prosa, entremeados de alguns breves números de música.

No mesmo dia, exhibiam-se três peças em um acto, e o espectáculo que começava às 7,30 devia de terminar, por lei, às 11 horas.

Os jornais da época são escassos em informações. Consegui, no entanto, arpoar que era *engraçada* e produziu *belas receitas*. O

Revistas passadas e antepassadas

Os primeiros "maillots". A primeira vedeta. Como se fazia uma revista. O primeiro revisteiro.

seu autor foi o actor Brás Martins, o do *Santo António*. Conheço apenas quatro rábulas: *O candieiro de gás* e *O Candieiro de azeite*, alusão à iluminação a gás, que surgira pela primeira vez no D. Maria, em 1850 com a primeira neste teatro de *Frei Luís de Sousa*. Os dois papeis eram respectivamente feitos, pelo José Gerardo Moniz, que veio a falecer um ano depois, com escassos 33 anos, e pelo *Marques do Ginnásio*, o gordanchudo e vermelhusco Manuel Hipólito Ferreira Marques, bom calligrafo, bom garfo e bom copo, bom ponto, bom ensenador e bom actor, que mais tarde havia de gosar de grande popularidade pela interpretação burlesca do Marco Aurélio, e por ser portador do maior nariz que então havia em teatros portugueses.

António Joaquim Pereira, o velho *Pereira do Ginnásio* tão excelente actor, como heberão emérito fazia o *Respeitável público*.

Emília Cândida, uma das muitas insinuantes Emílias que vicejaram então por palcos portugueses, e que veio a morrer octagenária, há poucos anos, após uma carreira brilhante, ali, na rua de S. Roque, interpretava a *D. Palçada*.

Orçava pelos 28, e entrara 12 anos antes pela mão dum cabo de comparsas para o «Rua dos Condes» ganhando doze vintens e duas velas de cêra. Representava-se *A degolação dos innocentes*, era ensenador o Emílio Doux, a quem o teatro deve um nobre impulso e faziam parte do elenco os melhores artistas da cena portuguesa: Carlota Talarri, então a maior de tódas, Emília das Neves, o Epifânio, o Teodorico, o Ventura, o maior galã do seu tempo, a velha Bárbara, a avó Delfina...

Vale a pena, antes de passar adiante, registar o nome dos quatro remotos avós, das *vedetas* de hoje, e cujo talento real não estava na proporção dos seus magros ordenados. Mudaram os tempos!

Logo no ano seguinte, no mesmo teatro, pelo mesmo tempo e possivelmente pelos mesmos interpretes, porque o elenco não va-

riou, subiu nova revista de Braz Martins, também em 3 actos intitulada *Qual dèles trará?* Em 1854 ainda outra revista do mesmo, *Vingança do cometa*.

De 1855 não tenho nota de nenhuma revista. É de 1856 a primeira que se imprimiu: *Fossilismo e progresso*, em 3 actos e 6 quadros, de Manuel Roussado. Subiu, também à cena no Ginnásio, em 6 de Janeiro, e logo na primeira noite ergueu larga celebração, pelas alusões transparentes e pela crítica acerada.

No pequeno prefácio escreve o autor: «Ben podera eu aqui narrar a história das misérias a que cla deu lugar; quero, porém, poupar a esta vergonha muitos indivíduos de elevada posição na sociedade».

Um dos motivos do escândalo, foi a exhibição do enviado do Brasil, Maciel Monteiro, depois barão de Itamaracá, que Isidoro caricaturou admiravelmente, vestido de casaca verde, calça de ganga, colete branco, lenço encarnado, sapato de laço, punhos desmesuradamente voltados, luvas amarelas e chapéu de palha. Realmente o ministro pretava-se à troça, porque atravessava as ruas de Lisboa ridiculamente vestido, exhibindo «uns amplos punhos voltados, de tal abundância de fazenda que se diria que as fraldas da camisa lhe saíam a flux pelas mangas da camisa» como escreve Andrade Ferreira na *Gazeta Literária do Porto*.

Saldanha, que no ano antecedente publicara um folheto advogando o método Raspail, doeu-se com os remoques vagos que na revista lhe faziam os dois *doutores raspailhistas*, respectivamente interpretados pelos dois mediocres actores Assunção, que além de ter má figura era ego dum ôlho, e Mendes, também muito canastrão e insignificante. Ambos marearam, longamente passo, no Ginnásio, até que a morte os levou. Mas, não ficou, por aqui o Duque: foi queixar-se, ao então ministro do reino, Rodrigo da Fonseca, que lançou, zombateiramente o seguinte despacho: «Se a peça dá interesse ao teatro, representem-na, porque as alusões pertencem a essa espécie de composições».

Muitas outras alusões abundam: ao mé todo repentino de Castilho e ao bodo das condecorações — uma cena hilariante entre



Phot. Fernandes

A SEMANA DOS NOVE DIAS

APOTEÓSES DE ONTEM QUE AINDA SÃO DE HOJE...



BEATRIZ RENTE NA «GUALDINA», COMADRE DA REVISTA «NA PONTA DA UNHA»

ministro do Brasil e Portugal. O primeiro oferece 12000000 por uma dúzia de condecorações, o segundo regateia, pede 2 contos. Por fim chegou a acôrdo, e como quem ajusta carapaus, o ministro pede mais um para o gato. Portugal despeja-lhe no lenço vermelho as 13 venerated, e o Brasil paga-lhe em gêneros: 50 cachos de bananas, duas grossas de côco, setenta e cinco macacos e 30 sacos de farinha de pau. Noutras cênas há alusões às fidalgas que vendiam beijos a favor dos pobres, a um processo célebre de testamento falso, à situação precária da empresa de S. Carlos, às curas do médico Brillante, ao contrato dos tabacos, a certos quilométricos oradores parlamentares, a obras camarárias, como o Arco da rua Augusta, as demolições do Loreto, etc.

Mas um dos números hilariantes, foi o de Taborda, caricaturando a enorme Alboni, o de Paulo Martins, em ceroulas e camisa, num pé uma bota de cano encarnado, noutro um chinelo, sem cabelo, nem barba, nem sobrancelhas, simbolizando a estátua do Rossio.

Ao velho actor e ensaiador Romão coube o *Teatro de D. Maria*, sobrecaçaca e calças fei-

AO ALTO — AS PRIMEIRAS PERNAS EM... «MAILLOTT» (HERMÍNIA ADELAIDE)



A revista tem apenas uma apoteose, a do segundo acto, marcada assim, na rubrica:

«Tôdas as figuras se afastam para os lados da cêna. Corre-se o pano do fundo e aparece vista de mar. Vê-se duas colunas e um navio, iluminados. Rodas de fogo, mijarettes, pistolas, etc.»

...E foi esta a única revista do Barão de Roussado.

Depois, e dado o êxito do Gimmásio, os outros teatros começaram de imitá-lo. Em 1857, o Oliveira das Mágicas, estreia-se no *D. Fernando* como revisteiro, com «Lisboa em 1856».

Francisco Serra e Costa Braga exibem na *Rua dos Condes* a «Revista do ano de 1857», e no ano seguinte, o Oliveira, reincede no *Varietades* em 1 de Fevereiro com a «Revista de 1858», a melhor até então aparecida, pela graça, pela contextura, pelo equilíbrio, e até pela oportunidade da observação e da crítica. Tem um prólogo em verso e dez quadros. É a revista-mãe, a revista-tipo de quantas durante anos se escreveram em Portugal, revista mais ou menos popular, sem os ressaibos literários do

«Fussilismo e progressos». Por isso teve um tão assinalável êxito.

Reünem os deuses

AO CENTRO — UMA EVA SEM ADÃO (ANGÉLA NO «ALL... À PRETA!»)



COMO SE FAZIA A... HISTÓRIA: GRAZIELA «PRATAS NO «NUM XE XABE»

ENTREÁNA X O S «LIQUES», UM NÚMERO DE FANTASIA COM MULTA... FANTASIA

tas de pedas das côres das bandeiras portuguesa e francesa, meio bigode louro dum lado, suíça preta do outro, dum lado cabelo louro, do outro preto, meia cara branca, meia trigueira, alusão sangrenta à mexirolada de peças arranjadas e traduzidas do francês.

No elenco feminino figurava em primeiro lugar a linda e perturbante Emília Letroublou, tôda de gase branca e ouro, transparente, desenhando-lhe as formas esculturais, encarnando a princesa da poesia.

A azougada e perturbante Eugénia Câmara, que anos depois debandava para o Brasil, e foi amante de Castro Alves, interpretava a *Chuva*, com um grande manto de cassa branca, matizado de prata.

Cantava gaiatamente, sublinhando com malícia, os seus couplets:

Dois amantes às occultas
Ao jardim não conversar
Surgi eu ch...

(prolongado imitando chuva)

Ficam ambos a pingar...

O compère era o Pereira que representava o «Fossilismo», vestido ridiculamente à antiga, grande guedelha e barrete de retro preto.

CARMEN CARDOSO E ANGÉLA PINTO, OS DOIS POMBOS DO «ALL... À PRETA!»



transforma numa grande couve, donde sai o *Cometa* (Isidoro), o *compère*. Começam os preparativos de viagem, as recomendações, os pedidos

*Bem nomeado estás; Lisboa inteira
Correrás; e se vires muita asuêira
Campear, reluzir, ser celebrada
No ano, que passou, uma trombada
Ferrará na cidade lusitana
Que de deusa e leal tanto se ufana!*

Saturno, frascário e azevieiro, recomenda-lhe, principalmente, uma tourada com o Roberto, o «José do Capote», pelo Taborda, e as francesas do «Café Concerto»; Vénus, sempre garrida, pede

«Uma saia balão, com molas de aço»

Cupido quer apenas um chapéu redondo e uma casaca, Mercúrio umas galochas, Baco pede um tango, com letra e música.

E, parte, por entre um côro das musas. As nuvens do fundo abrem-se e entremostram um enorme globo azul, sôbre o



MARIA AUGUSTA, NO «REINO DA BÓLIA»



A «POESIA ROMÂNTICA» (GABRIELA LUCEV)

*Ao fogo vamos
Sem mais tardar!*

No quadro seguinte há alusões frequentes ao Café Concerto, onde se joga a *vermelhinha*, a *roleta*, o *pião chinês*, o *bebí grogs*, e onde se exibem o cançonetista Marval e as completistas Bousqué e Pauline, com as suas canções *grivoisês*, duma rubra sensualidade que electriza o *compère*. Depois um zelador municipal (Queiroz) que conta todos os *melindres* que viu no Passeio Público,

Nas bochechas da autoridade.

E explica: «Quem ouve lá a voz da autoridade naquelas alturas? As franquias guincham, os janotas bertram, o povinho das grades niva, e a autoridade esfaltese, arenga e perde o seu latim».

Outros números: o *Fantasma*, a *Lotaria*, *Capinhas*, *Jornalados*, *campinos*, o *alveitar*, o *enfermeiro*, o *dentista*, o



UM BOM «CÂMBIO», CARMEN CARDOSO NO «ALL... A PRETA»

do bailado, bailarina diplomada pelo Conservatório e mãe da actriz Sofia Santos.

Pela primeira vez numa revista aparece o quadro dos teatros, que depois, durante épocas seguidas, foi menú obrigatório. É o *Templo de Tália*, e desfilam os teatros: O S. Carlos, um galego tendo na mão um saco de dinheiro, e que atravessa o palco por entre um enxame de dansarinas, músicos e coristas; o *Gimnásio*, personificado no mágico do *Anel de Salomão*; o *Varietades*, no «travestido da fada Topásio do Reino das Fadas»; o *Rua dos Condes*, metamorfoseado no feiticeiro do *Príncipe Verde*; finalmente, o *D. Maria* com um melodrama com 100 mortes, duzentas choradeiras e quatrocentos reconhecimentos!

Termina a revista por uma apoteóse à «Associação Popular Promotora da Educação do Sexo Feminino».

E, «Cometa», o *compère*, solene e comovido desce à ribalta e declama, face a face do público: «A Associação, essa verdadeira filha do céu, braço do povo, que ligando fraternalmente os haveres do rico e do pobre todos os dias faz surgir templos às artes e à indústria, templos à orfandade, à velhice e à instrução! Curva-te, vou pôr diante dos teus olhos o último e mais brilhante florão de 1858». Tremulo na orquestra.

Ao fundo, sobre nêvens, um templo aéreo, cercado de anjos e querubins, dominado pela figura da Fama. Ao centro, em quadro vivo, vários comparsas simbolizando os vários atributos da Associação, os seus fins filantrópicos, etc.

Setenta e tantos anos volvidos, a *Revista de 1858* ainda é modelo acabado de certas revistas pretensamente patrióticas e humanitárias!

A música foi quasi toda coligida pelo maestro-compositor Joaquim Casimiro, avô do maestro Hugo Vidal; a encenação do actor Isidoro, os cenários de Cândido José Xavier; o maquinismo de João Vieira; os adereços de Francisco Fernandes, e a guarda-roupa de António Cândido da Cruz. A parte coreográfica foi toda confiada à actriz Maria do Céu, uma remota precursora de Francisca

JORGE DE FARIA.

EM BAIXO — UMA GRANDE VEZ DO SEU TEMPO: AMÉLIA LEPIQUE



qual se vê deslizar uma estrela com cauda de prata. Ouve-se a voz do Cometa a dar os últimos adeuses. Forte na orquestra. Cai o pano.

O primeiro quadro representa o último quarteirão da rua do Ouro, junto ao Rossio. Começa o desfile dos personagens ante os olhos pávidos do *compère*: trabalhadores, um varredor, um saloio, Lisboa, o seu *factotum*, a provincia, o *Diário do Governo*, jornalistas, vivandeiras, o comércio de Angola, representado por um preto, que o Ferreira Bébé interpretava, muito sensaboramente, e cantava:

*P'ra Lisboa o pleto vai
Pleto ribóla!
Vai beber marujo novo
Ai que consola
Pleto vai só mandrá
Pleto ribóla!
Pleto à porta do Marrae
Vai ser pachóla.*

O quadro a seguir é o *Bazar do grande tom*, com as últimas novidades em *toilettes*, entre elas a *Sáia balão*, baluarte de ferro que provoca ao *compère* esta quadra:

*Quando sai uma madama
Com todos seus anexins
Nem a nau «Vasco da Gama»
Leva mais panos nos rins!*

Vem depois, entre muitos outros, os *Produtos da goma elástica*, e o inevitável comentário do Cometa:

*Português que se proclama
Nacional entusiástico
Mas da «estranja» compra tudo
Amor pátrio tem elástico!*

Termina o quadro com um grande fogo de artifício, que o programa pormenoriza: *niños de serpentes*, *chuzas de luas* e *de estrelas*, *ramalhete de safios*, *bombas de sacarrólas*, *foguete de engana-tolos*, etc.

E, o côro canta:

*Sõam as bombas
Já, já, partamos*

incomparável *cerzidor castelhano*, o *contrato dos tabacos*, o *guarda barreira*, interpretado galhofeiramente por António Pedro, *candongueiros*, *ingleses*, um *janota da provincia*, o *Atêro da Boa Vista*, o *Gigante trasmontano*, etc. Um quadro, o do *Monopólio do Sabão*, provocou do público fartos aplausos.

Entrava o *Sabão*, num andar, sentado numa grande pilha de sabão branco e amarelo, conduzido por 8 comparsas, figurando diferentes espécies de sabão. A frente, mais três coristas, vestidas de dourado, com pendões: no primeiro, *Mono*; no segundo, *Pó*; no terceiro, *Lio*, a letras garrafaís. Grupos de coristas francesas, inglesas, espanholas, com as bandeiras das respectivas nações: *pastilhas*, *sabões*, *sabonetes*. Tudo desfila, saindo Lisboa, a actriz Maria do Céu, a inventora

Avulsos sobre as Ondas



o piano vertical está sólidamente amarrado à escotilha. Para que o vento não as leve, baralhando a harmonia do concerto, as músicas estão presas às estantes com pinças de roupa ou pedaços de guita. Tudo denota a perfeita organização, proba e prudente.

Por fim, o barco larga, em direcção ao largo, ao som dum foxe-trote. Mas, descrevendo uma curva graciosa, não tarda a costear, singrando ao longo dos cais adormecidos, onde se perfilam sombras de fragatas.

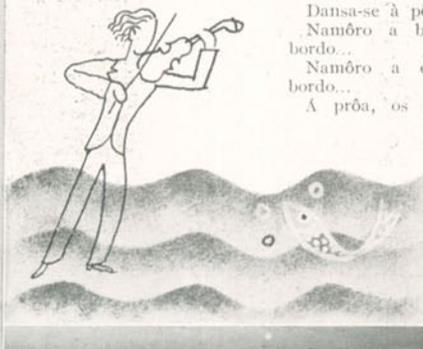
O ringue destinado à dança fica à pôpa, sob um tódo raiado, ao abrigo do vento—que vem às vezes perturbar a festã. De começo, porém, ninguém ousava dançar. A música matraqueava, em vão, incitadamente, um tango em voga. O tritão divertido que tem a seu cãrgo a bateria, em vão cantava o estridilho:

*Mãmã, yo qũtero un novio
que sea milonguero, guapo e compadrõn...*

Só pelas alturas de Alcãntara é que um primeiro parzinho, mais ousado, se destacou das tímidas fileiras. E lá começou, logo seguido por outro, e outro, e outro ainda, no giro rodopiado e escasso que permite o minúsculo rectângulo.

Isso bastou para que o barco tomasse, imediatamente, o ar animado, o ar *moderno* que pretende.

E o passeio decorre—como os povos felizes—sem história...
— Dansa-se à pôpa.
— Namõro a bom-bordo...
— Namõro a esti-bordo...
— A prõa, os que



O lisboeta tem sempre imensa vontade de parecer europeu. O que lhe falta são pretextos. Mas venham eles, e verão como ele é capaz de ingressar na carta da Europa, criando uma Europazinha à portuguesa, uma Europazinha *multo nossa*, mas que não envergonha ninguém.

Os portugueses sempre foram um povo manhueiro e tudo quanto há de mais *danado para valsa*. Assim, sob a égide de Fabião Figueira, o imortal autor da mimosa valsa *Sõbre o Tejo*, vão agora dançar, de acõrdo com a tradição e com a moda, por uma vez conciliadas, num barquinho simpático que sai tõdas as noites do Terreiro do Paço.

Lá fui também, por uma noite destas.

A primeira coisa que me chocou, logo no Cais das Colunas, foi a quantidade de gente que não tem cinco escudos para passar uma noite agradável. Porque prefiro atribuir à crise económica, do que à indesculpável timidez, o volume da multidão que fica em terra, olhando com muito ferro o alegre bota-fõra.

Emfim, as coisas são como são, e a vida está pela hora da morte.

Transpuz a ponte ao som da marcha do *Timpanas*. O paquete já estava quãsi cheio. Gente de bem, pacata, vagamente contrariada por servir de espectáculo aos que ficavam em terra, por economia ou mēdo de enjoar. Grupinhos românticos, aqui e além. Um estudante de monõculo, de mãos nas ancas, olhando em roda, num ar de desafio. A tripulação, azafamada, de uniforme branco. E a orquestra—quarteto posseidõnico, compõsto de três tritões, encarregados do violino, do saxofone e da bateria—e duma Tãgide pianista, de chapéu.

Por via do balanço,

DE CIMA PARA BAIXO
— A chegada à TRAFARIA
— UM «FLIKT» A BOMBOR-
DO... — O QUARTETO DOS
«TRITÕES» — (Fotos de
Hordão de Novais)



não querem dançar e não têm namôro, vão vendo desfilar a paisagem da terra, como num *travelling* cinematográfico.

Em frente de Santo Amaro de Oeiras, ao som do *Arrabal de Santo António*, o barco aponta em direcção à outra margem. A costa a que, mesmo de noite, é chamada do Sol, afasta-se de nós. Em breve, apenas tem interesse o bailarico de bordo e a fosforescência da água, cortada e revolta pela roda-da-prôa do vapor.

Eis-nos em pleno domínio da valsa, da verdadeira valsa sobre o Tejo. Não se toca, porém, Fabião Figueira. A Tágide pianista ataca a valsa do *Prémio de Beleza*, provocando arpejos românticos ao violino e queixas graves ao saxofone, enquanto a bateria se limita a marcar o compasso, respeitosamente.

O acontecimento mais notável do percurso quotidiano do *dancing* fluctuante, é certamente a escala na Trafaria.

Uma escala cómoda, sem formalidades, sem piloto, sem visita de saúde, sem alfândega, sem *bureau de change*... A Trafaria é um pôrto franco, acolhedor.

A população aglomera-se no cais, à espera do barquito:

— Lá vêm êles! Lá vêm êles!...

Atraca-se. Abre-se o portaló. Os turistas bailarinos vão a terra, com um grande ar estrangeiro que lhes fica bem. Invadem os estabelecimentos nocturnos. O *Retiro Ribamar*, o *Café-Restaurante A Camponesa*, regorgitam de viajantes generosos. As ruas tomam o ar animado duma cidade marítima, no dia da chegada dos grandes transatlânticos.

Chega gente à janela, a pesar da hora tardia, da humidade e da escuridão.

A bordo, fizeram-nos recomendações:

— Não se esqueçam. O barco larga às dez para a meia-noite. Ao terceiro sinal.

Ao primeiro sinal, ainda não nos serviram o café que encomendámos na *Camponesa*...

Ao segundo, ainda não o tomámos...

Ao terceiro, ainda não o pagámos...

E todos se precipitam, num bru-á-á característico de bufete de gare à hora da partida.

— Quanto devo?... Vamos : o vapor está a apitar!
— Depressa!... Não quero ficar em terra!
— Então essa continha?..

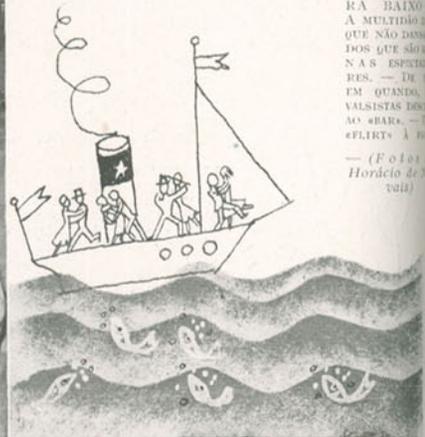
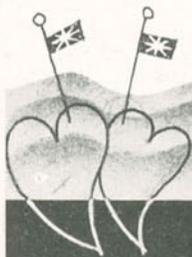
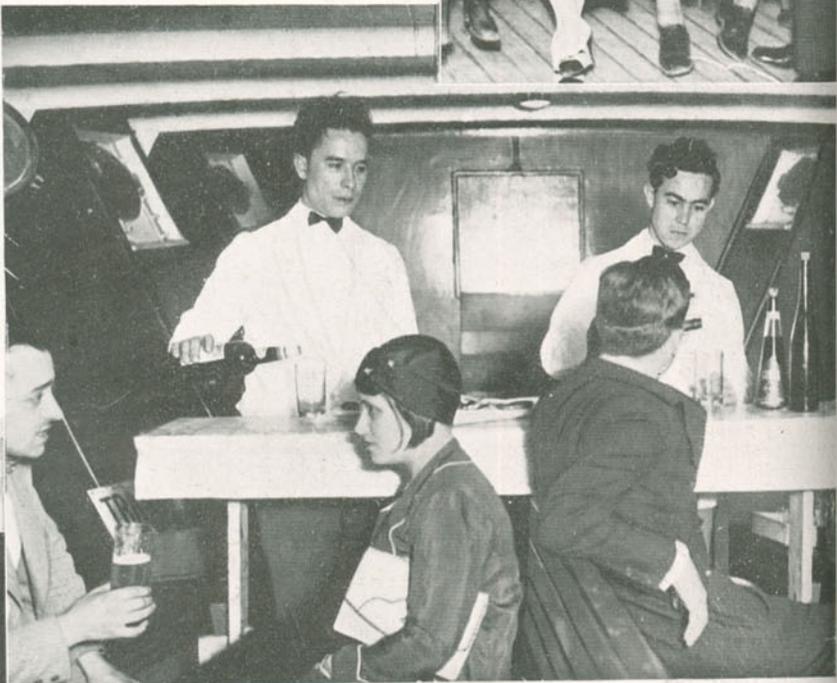
A bordo não falta ninguém, O tritão do *jazz-band* prepara, num rufo sensacional, a reprise da funçanata.

Mais um apito. E, ao som do *Compra-me um negro*, com todos a dançar, o barco larga para Lisboa, magestosamente, deixando o cais apinhado de indígenas, que o olham, cheios de inveja, os felizardôis que vão naquele bote tão bonito, todo iluminado e com música.

Durante a meia hora que vai da Trafaria até ao Terreiro do Paço, o número de pares aumenta a olhos vistos. Os dançarinos tornam-se mais deligentes, mais folgazôis... Que diabo! É preciso esfolar até ao fim os direitos auferidos a trôço de cinco palhaços! Até a música é menos preguiçosa. E vai o *Zezoça*, e vai o *Corridinho*, e vai o *Timpanas* outra vez, tudo aquilo com palmas e com bis...

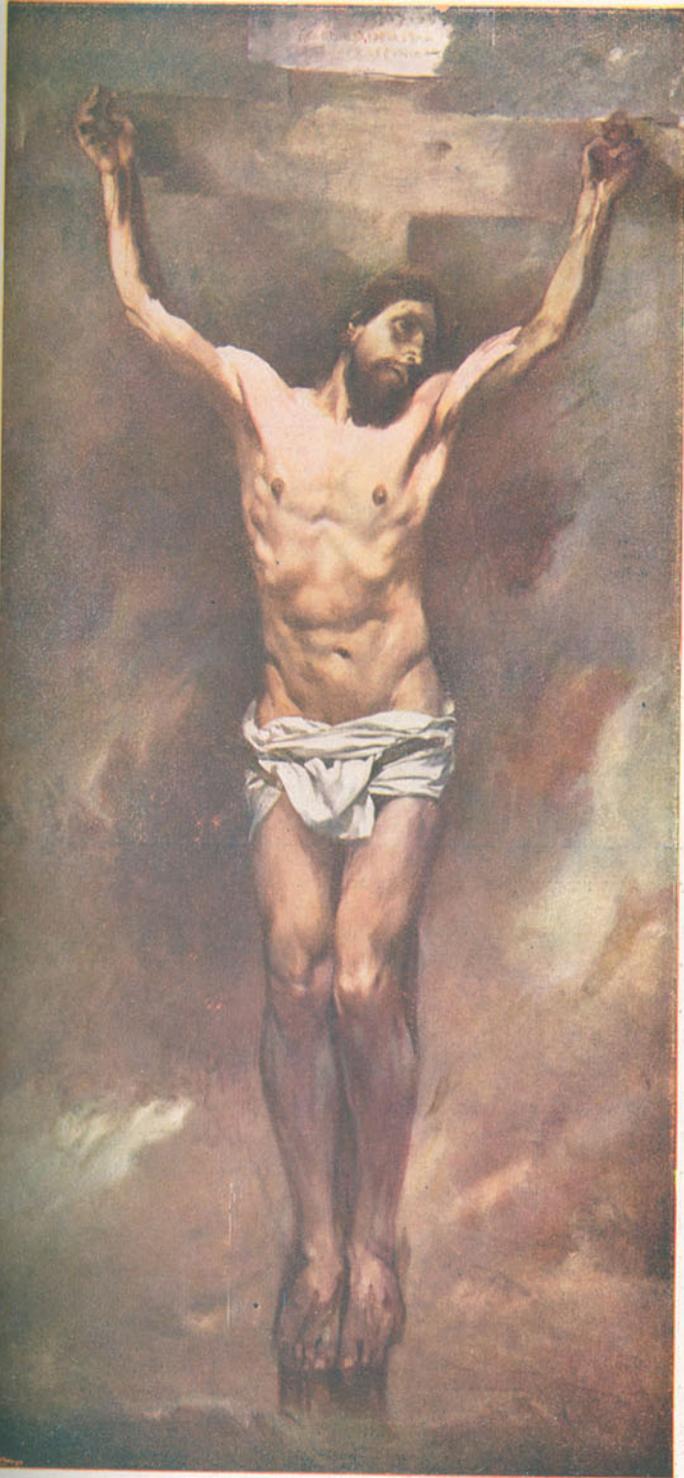
Mas, irremediavelmente, surge a terra. Ninguém a anuncia com prazer, como no tempo das descobertas. O gageiro não recebe a mínima recompensa... Porque é contra-vontade, lamentando a rapidez do barco e do passeio, que os foliôis se deixam despejar no cais, como uma carga inútil, e dispersam, para os quatro cantinhos de Lisboa.

BALTAZAR FERNANDES.



DE CIMA PARA BAIXO - A MULTIDÃO DE QUE NÃO DANÇAM QUE NÃO DANÇAM N A S ESPERANÇAS. - DE EM QUANDO, VALSISTAS DOR AO ABAIXO. - T REFLECTO À NO - (Fotos de Horácio de Souza)

ALGUMAS OBRAS-PRIMAS DA ARTE PORTUGUESA



COLUMBANO. — CRISTO CRUCIFICADO

EXPOSTAS NO MUSEU DO JEU DE PAUME EM PARIS

PORTUGAL chegou ao século vinte, desconhecido e misterioso, como um quarto fechado à chave, cheio de riquezas sem nome, que ninguém se atrevesse a abrir...

Durante anos e anos sem fim, o nosso país não passou duma mancha de côr no mapa-mundi, sem significação nítida para os olhos dos estrangeiros.

Poucos eram até os que procuravam saber qual o motivo extraordinário porque Portugal existia, há tanto tempo, na Europa como terra livre e indomável.

A nossa cultura, a nossa língua, o nosso passado de escultor de nações, não era bastante para quebrar a indiferença do mundo, que apenas teimava em reparar nos defeitos portugueses, exagerando-os até à caricatura.

O mundo, decididamente, não nos queria descobrir.

Esta injustiça flagrante tinha criado na alma de nós todos a indolência e o orgulho dos incompreendidos que, de tanto viverem no meio de multidões desinteressadas, acabam sempre por desistir de se fazerem compreender.

Durante anos resignados, vivemos sôzinhos no nosso amável rectângulo de vinhas e oliveiras, a guardar, só para nós, as relíquias sagradas, à espera de qualquer coisa imprecisa e abstrata: talvez a chegada da Justiça numa certa manhã de nevoeiro...

E assim continuaríamos até ao fim dos séculos, se alguns homens inteligentes, cultos e enérgicos, se não resolvessem, enfim, a abrir o quarto fechado, —êsse último canto misterioso da Europa que se chama Portugal— levando as obras-primas que encontraram lá dentro, para a sala principal do mundo: Paris.

Em boa hora, o dr. José de Figueiredo, ilustre director do Museu das Janelas Verdes, rompeu essa tradição de indolência e de orgulho, fazendo trans-

portar para as salas do Museu do Jeu de Paume, as obras elucidativas do nosso génio, desde os trípticos de Nuno Gonçalves às telas de Columbano.

Os resultados desse gesto aí estão nítidos e conclusivos: o gelo quebrou-se; a indiferença amorteceu; a civilização portuguesa subiu de nível na consideração internacional; as tábuas de Nuno Gonçalves, as tapeçarias de Arzila, a Custódia de Belém, os livros antigos, os biombos japoneses do século XVI, explicaram e completaram aquele mapa luminoso dos descobrimentos portugueses que existe no Pavilhão da Exposição Colonial de Paris.

Agora, pelo menos, os estrangeiros que visitam as salas do Jeu de Paume, para admirar os quadros dos mestres nacionais, já saem de lá convencidos de que Portugal não é apenas um país teórico, semi-bárbaro, sem tradições de cultura, mas uma grande realidade colectiva, um pequeno povo com um passado, cheio de momentos de energia e de inteligência, só comparável aos povos quasi lendários da antiguidade.

A apresentação das obras-primas portuguesas, que coincidiu com a exposição Colonial, onde o nosso país venceu um lugar de destaque, desfez muitos equívocos, e atraíu as simpatias da maioria dos intelectuais franceses, sempre dispostos a louvar, com entusiasmo, a revelação de novos ambientes e de novas atmosferas de arte.

Não devemos, claro está, cair no excesso de supor que ficámos, duma vez para sempre, conhecidos e desvendados...

No entanto, muito se conseguiu. A arte portuguesa tornou-se um tema obrigatório.



CRISTOVÃO DE FIGUEIREDO. — A DEPOSIÇÃO DE CRISTO NO TÚMULO

Os críticos dedicaram-lhe longos artigos de análise.

As tábuas de Nuno Gonçalves inventaram espanto em todos os olhos.

Pode-se até afirmar, sem receio de cair no delírio das hipóteses, que este pintor foi a descoberta mais importante feita pelos franceses no ano de 1931 da era de Cristo.

Assim o diz claramente Pierre du Colombier, na sua crítica no *Candide*, quando acentua a originalidade de Nuno Gonçalves, em relação aos retratistas famosos da sua época:

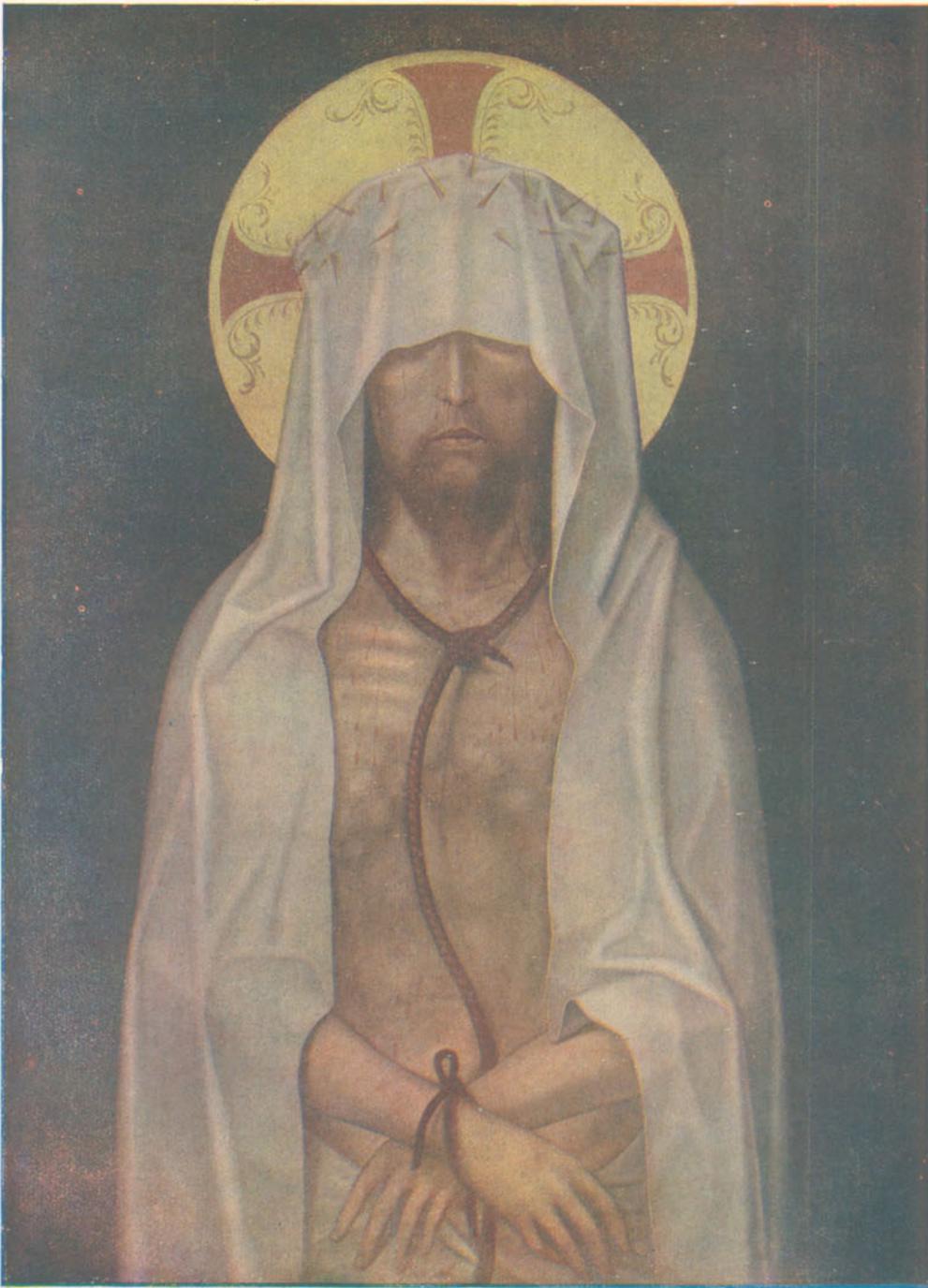
«Uma obra que tem o seu lugar entre as maiores, na galeria daquelas que marcam a história universal da pintura, é o duplo

tríptico de Nuno Gonçalves, que, por si só, bastaria à exposição de arte portuguesa.»

E todos os escritores não se cansam de repetir, em vários tons, esta verdade, que os portugueses já sabem de cor e salteado...

Se Portugal, por motivo duma catástrofe bárbara, desaparecesse da Europa e fôsem encontradas, mais tarde, depois de sábias escavações, as tábuas de S. Vicente, essas relíquias seriam suficientes para eternizar o nome do nosso país e explicá-lo ao mesmo tempo.

Não há ninguém que, ao contemplar, mesmo com olhos de turista, levianamente, as figuras graves e austeras dos dois trípticos, — não compreenda de sú-



«Еще Homo» — (Célebre quadro dum pintor português desconhecido)

bito a história portuguesa e o seu clima marinho e viril.

Os quadros de Gregório Lopes, o famoso *Ecce Homo* de autor desconhecido, as tábuas de Jorge Afonso, o retrato de D. Isabel de Moura, feito pelo pintor Domingos Barbosa, etc., etc., completaram o ambiente criado pelos geniais trípticos de Nuno Gonçalves; os quadros modernos de Lupi e Columbano, seleccionados pelo Mestre Sousa Lopes, dis-

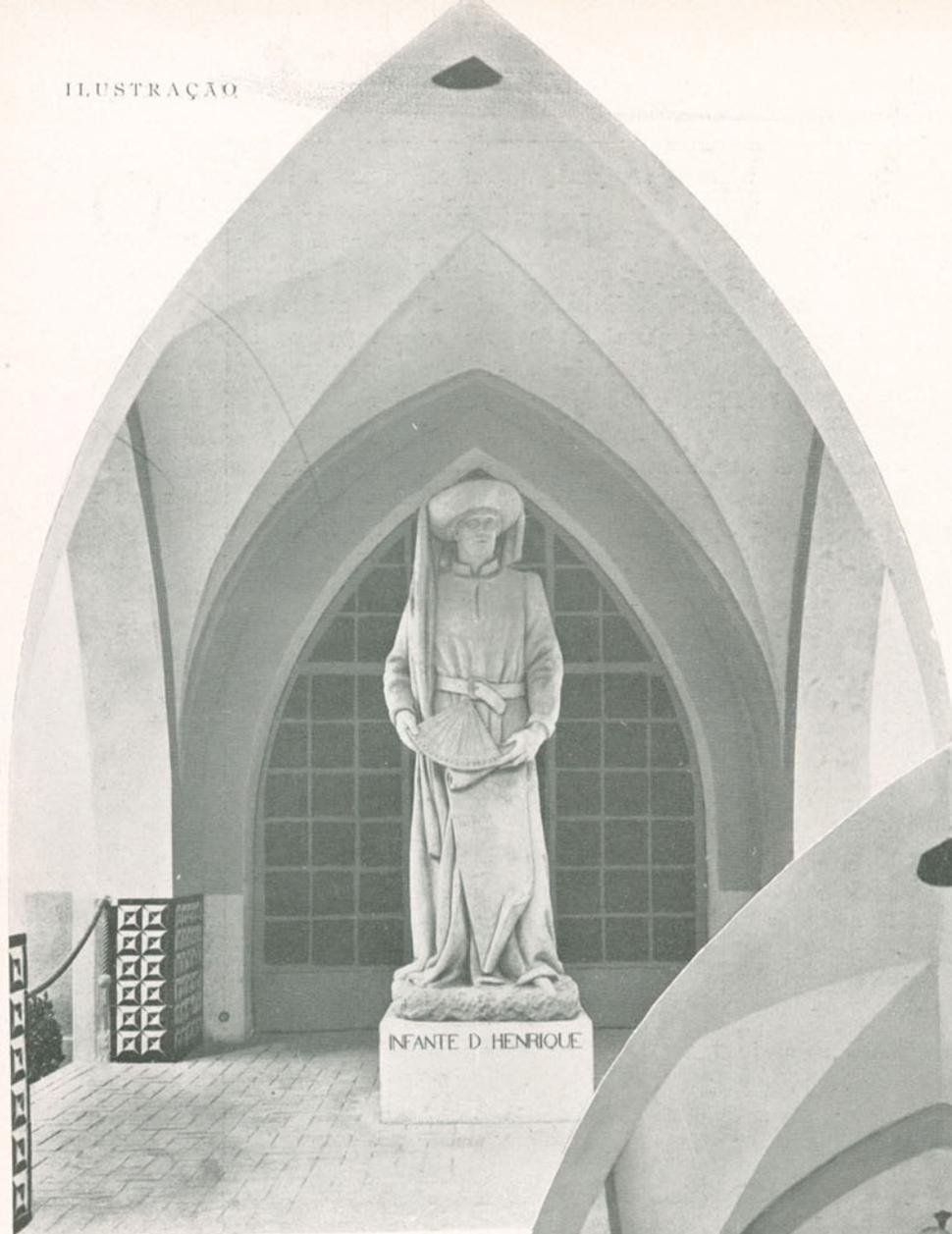
tinto director do Museu de Arte Contemporânea, deram ocasião a que os críticos verificassem certas características que se encontram em tôdas as obras expostas e que definem nitidamente a existência duma escola de pintura portuguesa.

Agora só nos resta prosseguir o caminho, tão vitoriosamente iniciado pelo dr. José de Figueiredo e Sousa Lopes, e continuar a mostrar ao mundo as tábuas

que Nuno Gonçalves pintou no século xv para réclamo do Portugal moderno do século xx.

Mas não nos devemos esquecer de preparar um futuro com o mesmo nível do passado, para não darmos a impressão de que somos um povo de sombras, a viver nas ruínas duma civilização já morta.

A. G.



A ESTÁTUA DO INFANTE D. HENRIQUE, O INFANTE DE SAGRES, O INFANTE SAGRADO QUE FOI O PRIMEIRO A SONHAR O PROLONGAMENTO DE PORTUGAL PARA ALÉM DAS ONDAS... ADMIRÁVEL ESTÁTUA DO ESCULTOR FRANCISCO FRANCO, EXISTENTE NO PAVILHÃO PORTUGUÊS DA EXPOSIÇÃO COLONIAL DE PARIS

AFONSO DE ALBUQUERQUE, O GÊNIO GUERREIRO QUE DOMINOU O ORIENTE, ORGULHO DA NOSSA RAÇA, QUE CONQUISTOU, PARA OS ANTIGOS REIS DE PORTUGAL, NOVOS TÍTULOS E NOVOS IMPÉRIOS. MAGNÍFICA ESTÁTUA DO ESCULTOR DIOGO DE MACEDO, EXISTENTE NO PAVILHÃO PORTUGUÊS DA EXPOSIÇÃO COLONIAL DE PARIS



A EXPOSIÇÃO COLONIAL DE PARIS

Artigo de RAUL LINO

com aguarelas de BERNARDO MARQUES



TRÊS mil, quatrocentas mil — tantas são as vezes que desanda o torqueto à entrada da Exposição Colonial em domingos de céu claro. Esta foi a maior surpresa de Vincennes, e neste ponto pelo menos falharam as previsões sobre o insucesso do certame internacional. É que esta exposição tornou-se imensamente popular. A das Artes decorativas, em 1925, foi principalmente uma parada de luxo; esta é uma grande feira de exotismo, e as grandes feiras têm de ser populares.

Não esperem encontrar requintes de Arte nas margens do Lago de Doumésnil. Em todo aquê aglomerado, o que predomina é uma Arte leve, um geito pitoresco, uma habilidade engraçada de mostrar o que convém que se veja e de ocultar o que é preferível não se saber.

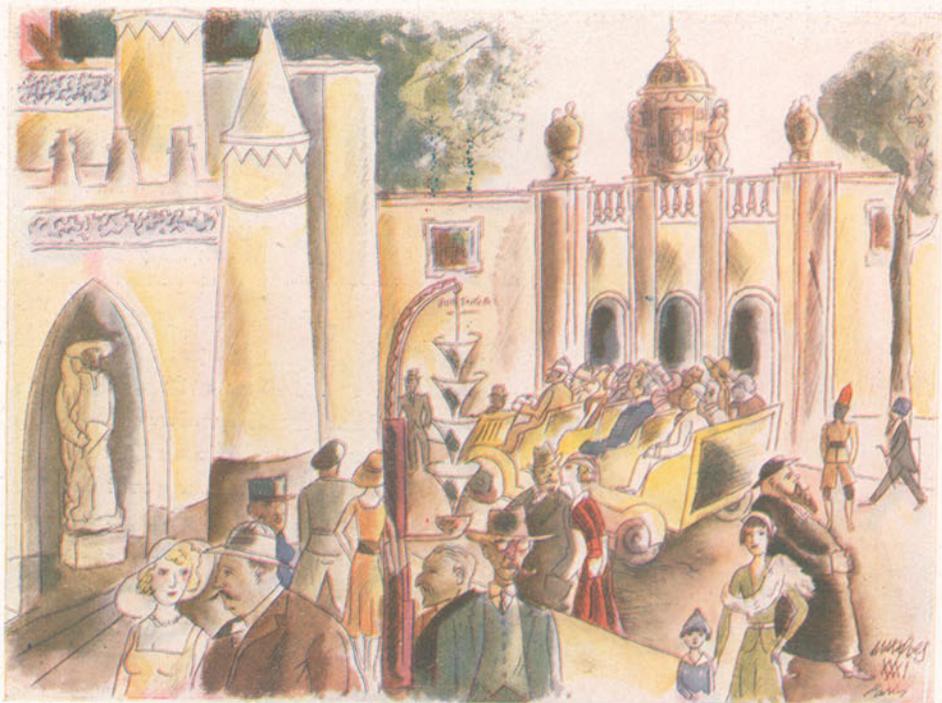
As maiores atracções — o templo de Angkor, o pavilhão da Holanda, o parque zoológico, desferem tôda a escala do pitoresco e chamam mais gente que a severa mole das Secções Metropolitanas ou o enorme Burgo das Informações. A própria situação em torno do lago foi um achado felicíssimo. Em pequenas embarcações pitorescas, o público

diverte-se a riscar cruzeiros em miniatura, sonha com as grandes viagens e brinca aos descobrimentos, largando do embarcadero de Portugal em busca das secções mais afastadas.

Politicamente, a Exposição poderá muito ardeiramente ser a demonstração viva das cartadas que se jogam sobre o pano verde de Gênebra; para a grande massa do público, os pavilhões de Vincennes são apenas o lindo cromo que apetece decalcar sobre as noções apanha-

das aqui e acolá, em artigos da Imprensa ou nos livros da escola.

Um exemplo frizante de como a Exposição estava destinada a popularizar-se foi o que sucedeu com a «Cité des Informations». Esta enorme construção, que cobre uma área de quasi dois hectares, foi calculada pelo Commissariado para servir rigorosamente de centro de informações em assuntos da actividade e de todos os problemas coloniais, constituindo ao mesmo tempo como que uma



OS PAVILHÕES PORTUGUESES NO PARQUE DE VINCENNES — (Aguarela de Bernardo Marques)

bolsa de valores para produtos das colônias. Pois a par da nossa repartição, em que o Comissário, sr. coronel Silveira e Castro, interpretou à risca o bem intencionado plano, o que de resto ali encontramos em geral aproxima-se muito mais de agências de turismo, por vezes com aspectos de bazar, e não corresponde já nada à ideia primitiva do marechal Lyautey. Não, esta exposição, com os seus templos e pavilhões, as palmeiras e os catos, a gente de variada raça, os camelos, as dansas e os batuques, é principalmente um grande filme documentário, dos que o público tanto

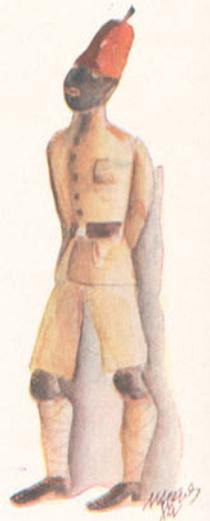
aprecia, admiravelmente organizado por Lyautey — o genial realizador de Marrocos:

Portugal entra neste filme com parte importante, que certo espirituoso francês, numa crónica jornalística, subordinou ao título de *Ceux qui ont découvert le monde*. Portugal, como competia, apresenta-se de predominante feição histórica, rica de pergaminhos e troféus do maior respeito. A matéria histórica que — diga-se de passagem — crítica e público têm sabido apreciar, é farta e está longe de ser esgotada. É sem dúvida a que mais prende as atenções do visitante;

é o chamariz da nossa secção que tem por marca a Cruz de Cristo, registada com todas as garantias nos arquivos da História. Menosprezar o significado tradicional da nossa participação, esconder esta taboleta única, seria erro ou infantilidade que felizmente não cometemos.

Houve quem dissesse mal do terreno escolhido para a secção portuguesa. É necessário explicar porque é que ele é justamente bom. Ficando próximo da entrada principal da Exposição e abrangendo naquele ponto toda a área entre o lago e a extrema, é o público obrigado a transitar por ali, visto que o itinerário normal de todo o visitante é dar uma volta à roda do lago. Do inconveniente de ser o terreno re-

A CRUZ DE CRISTO, EX-LIBRIS DE PORTUGAL.—(Foto Waroline)



talhado resultou a vantagem de se poder exteriorizar melhor a feição variada do nosso concurso. Um só pavilhão teria sido talvez mais imponente, mas não podia conciliar a diversidade de aspectos que convinha manter.

Os dois pavilhões históricos, riscados num estilo inspirado na época das primeiras navegações, apresentam em conjunto a rudeza primitiva de carácter mítico e guerreiro que tão bem se coaduna com a figura do Infante de Sagres. Apenas perto de onde está colocada a estátua de Afonso de Albuquerque aparece a nota opulenta dum portal com ornamentação de sabor marinho, imaginada no estilo de D. Manuel. O todo é dominado pela alta torre esmaltada nos quatro lados com a Cruz de Cristo, — disposição arquitectónica tornada necessária para evitar que os pavilhões portugueses, vistos de longe, ficassem de todo afogados.



dos pelas árvores seculares que existem em volta. Obedece também a um esquema semelhante a construção do passadiço que, atravessando a larga avenida, liga um dos pavilhões históricos com o de Angola e Moçambique; serve principalmente para já de longe prender a atenção do visitante, pondo em evidência o conjunto das construções.

Depois da rudeza medieval da parte histórica, encontramos do outro lado da avenida o Pavilhão Metropolitano numa arquitectura mais formal, inspirada no carácter particular dos nossos monumentos do fim do século XVI,



O TEMPLO DE ANGOR — (Aquarela de Bernardo Marques)



época em que a nossa colonização attingira o seu apogeu.

Finalmente, ligada ao passadiço, avultando pelo seu tamanho e clareza de linhas, temos a construção que abriga a exposição de Angola e Moçambique. Baseado nas tradições arquitectónicas do país, este edifício não é antigo nem moderno. Não tem ordens de arquitectura, nem colunas com capitéis e entabelamento, mas suporta azulejo de tradição

e ao mesmo tempo acarinha a obra bem moderna que é a *Mestiça* de Canto da Maia, sem provocar escândalo entre os estetas.

Quando se dá a volta da Exposição nalgum dos pequenos combóios de brinquedo que parecem lagartas pintalgadas, ao passar pelos nossos pavilhões sente-se um ambiente que a nós portugueses parece conhecido; um perfume de estevas e rosmaninho, um sabor a água do mar. Para a maioria dos estrangeiros, pelo contrário, a impressão é de completa novidade. É curioso que a olhos nórdicos cheguem a parecer antiquados

OS PAVILHÕES PORTUGUESES, CONSTRUÍDOS NAS MARGENS DO LAGO DE DOUMESNIL. — (Foto Waroline)



ILUSTRAÇÃO

os candieiros *arte nova* que na margem do lago brigam com os botaréis dos nossos pavilhões. Creio que não conseguiríamos despertar maior curiosidade entre os estrangeiros com qualquer construção cubística ou de carácter exótico-colonial. E há tantas e tão belas criações deste género em toda a Exposição! O que poderíamos nós fazer com a nossa

magra dotação que ombreasse com a vizinha Holanda? E onde nos haveríamos de inspirar para as três secções adoptadas: histórica, metropolitana e de Angola e Moçambique? No estilo africano (qual?), no da Índia, da China, ou deveríamos optar por reminiscências sul-americanas? Não haveria o perigo de ficarmos confundidos com colónias alheias na retina do visitante?

Como se diz que nem tudo que luz é ouro, também se pode dizer que há muita coisa que brilha sem por isso ter custado rios do loiro metal. Falando apenas do exterior dos nossos pavilhões, as estátuas conferem-lhe tal nobreza e dignidade (bem hajam os seus illustres autores) que é difícil encontrar no resto da Exposição motivo que se lhe compare. Também os azulejos despertam grande



UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO COLONIAL DE PARIS — (Aquarela de Bernardo Marques)



UM MANPANSO DE ANGOLA — (Foto Warolline)



interêsse entre os visitantes. É género pouco conhecido dos estrangeiros e êles sabem apreciar a sua frescura e ingenuidade. O que também lhes é especialmente simpático é o pequeno pavilhão, inspirado nas quintas de recreio quinzentistas, onde os nossos cafés, o chá de Moçambique e os doirados vinhos do Pôrto e da Madeira, oferecidos graciosamente pelo sr. Comissário, são os



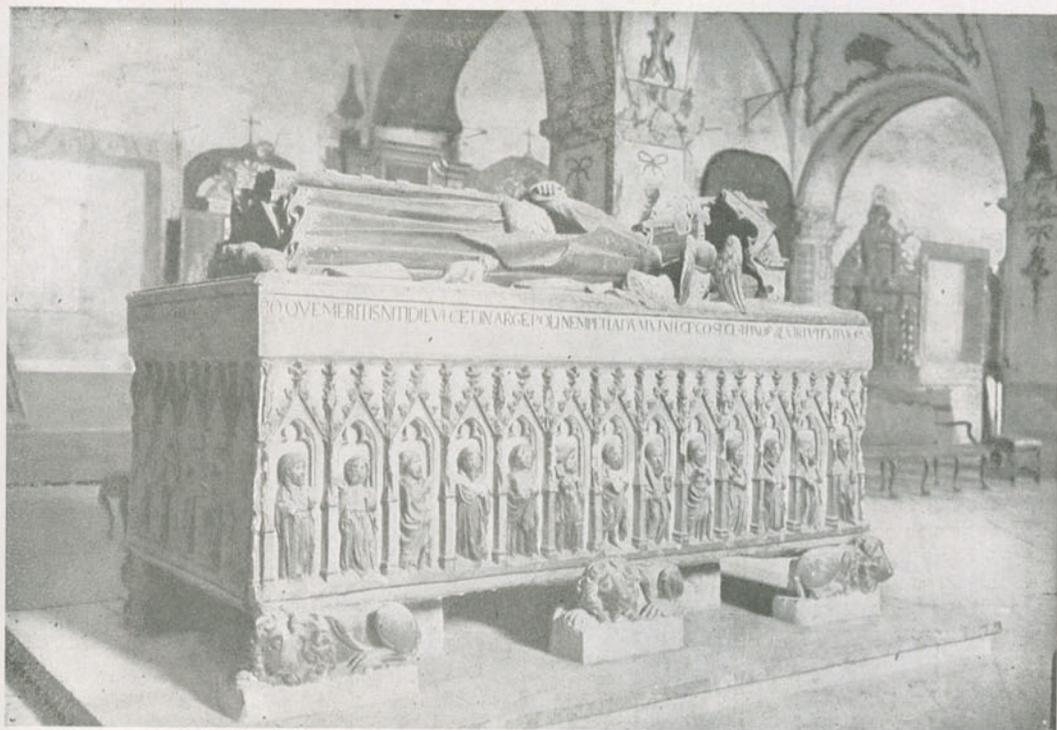
mais diplomáticos e indutivos agentes de propaganda.

Considerada no todo, creio que a Secção Portuguesa se ressentiria da falta de dotação do que dá minguia de tempo preparatório. O que não teria o nosso Comissário feito com mais um ano de antecipação? Naturalmente teria mandado um representante a todas as colónias

para assentar perfeitamente no que se deveria mandar à Exposição, e teria determinado também, por certo, que o todo fôsse organizado em Lisboa, não só documental como artisticamente. Um relatório é para se ler ou para se ouvir, mas uma exposição é para *ser vista*. Quando se organiza uma exposição é preciso saber com antecedência o que lá se tem de meter.

O que está feito, está feito. E agora — sejamos originais — deixemo-nos de pedir mais verba. Para a próxima vez vamos pedir que nos queiram dar tempo, mais tempo; que a boa vontade de todos os colaboradores, felizmente, não falta.

RAÚL LINO.



O TÚMULO DA RAINHA SANTA NA IGREJA DE SANTA CLARA DE COIMBRA

A RAINHA SANTA E OUTRAS ISABEIS

O nome próprio de *Isabel* é muito bonito, não desfazendo nas senhoras Pulquérias e noutras donas Eufrásias.

Vem da Sagrada Escritura este sonoro nome de mulher e proliferou, no tempo e no espaço, assumindo formas variadíssimas, que tôdas se podem reconduzir ao tipo inicial e bíblico: *Elisabeth* (ou *Elishaba*).

A primeira mulher notável que assim se nomeou foi a esposa do sacerdote Zacarias, a mãe de S. João Baptista. Essa *Elisabeth* inicial significava, pelo nome e pela missão religiosa que lhe coube, *aquela que confessa ou venera Deus*. E mereceu bem este nome.

Segundo a narração do evangelista S. Lucas, o anjo Gabriel anunciou a Zacarias que, sem embargo da idade avançada dos dois cônjuges, a sua mulher *Elisabeth* havia de conceber um filho destinado a ser o precursor do Mes-

sias. Cumprida fielmente a profecia, foi a mãe de S. João visitada em Judá por sua prima Maria, futura mãe de Jesus. E disse *Elisabeth* a Maria o primeiro *Avê*, justificando assim perfeitamente o seu nome de confessora e veneradora da Divindade: *Benta és tu entre as mulheres, e bento o fruto do teu ventre...*

Isto, é claro, não impede que haja nos nossos tempos incrédulos muitas *Isabeis* livre-pensadoras, atêas e inimigas pessoais de Deus Padre. Mas convém que se crismem com solenidade no Registo Civil, desisabelizando-se por coerência, para não serem etimologicamente ridículas e contraditórias. Assim reforçará a sua crença muito religiosa de que não se deve crer na religião.

Dada a alta significação e nobre tradição do nome de *Elisabeth* não admira que, na Idade-Média, êle viesse a ter

grande voga entre Cristãos. E é natural também que, espalhado pelo mundo ocidental, o nome da mãe do Precursor assumisse formas várias nos vários países, de acôrdo com o génio peculiar a cada uma das línguas respectivas.

No latim eclesiástico manteve-se a forma *Elisabeth*, hebraica ou próxima do hebraico—o que a ignorância de quem isto escreve não chega a saber destrinçar. Mas as línguas em que o velho latim se continuou, modificando-se, adoptaram formas novas, que lhes pareceram mais agradáveis e mais doces ao ouvido que a primitiva. E nesta evolução se adiantaram e distinguiram naturalmentes os falares tão musicais da Itália. Estes introduziram logo, de acôrdo com o sentimento artístico da fina gente que os usava, na noção puramente mística, a ideia plástica de «beleza», que se lhes impunha ao baptizar as lindas pequeni-

nas que haviam, crescendo, de vir a ser belas mulheres. Foi assim que *Elisabeth* se transformou em *Isabella*.

As línguas germânicas e saxônicas foram mais tradicionalistas: nelas perdurou a forma primitiva, sem deixar de haver também, como no italiano, assimilação do nome bíblico e cristão com outros germânicos e pagãos, existentes nas línguas nórdicas.

Assim como o final do nome *Elisabeth* sugeriu à Itália a substituição por «bella», assim, no alemão, a primeira parte, «elisa...» veio a aproximar-se de velhos nomes germânicos, como *Else*, *Ilse*, que significavam *espírito ou gênio feminino da água*, qualquer coisa como *ondina*.

O francês foi eclesiástico, conservando a forma bíblica e adoptando também a sugestão de Itália, com as formas *Isabeau*, *Isabelle*. E, mais ou menos, o espanhol e o português seguiram na esteira italiana, pois de Itália nos veio à Península, nos tempos medievais, parte boa da cultura e da língua. A nossa forma, *Isabel*, é das mais gratas ao nosso ouvido, pelo encanto de uma terminação não só sonora, mas rara, senão única, na sua aplicação ao feminino.

Resta falar nos desdobramentos e proliferações, pelos quais se ramificaram do tronco original e primitivo muitos nomes diversos que aparentemente nada têm com êle.

É o caso de *Betty*, de *Bettina*, de *Elisa*, originadas ou na supressão do final (*Elisa*), ou na do princípio da palavra, com junção de um sufixo de apequenamento e carícia (*Bettina*, *Betty*).

Este processo de formação de novos nomes próprios pela deformação dos antigos é freqüente em tôdas as línguas. Vem, em regra, do pendor maternal de reduzir a uma ou duas sílabas os nomes dos filhos pequeninos, imitando às vezes a língua de trapos dos maiorzinhos. Assim nasceram *Lina* de *Adelina*, *Tina* de *Albertina*, *Hans* de *Johannes*, e outros muitos.

*
* *

Quatro Isabeis foram santas, e muitas foram rainhas. Duas das Isabeis santificadas foram rainhas também: Santa Isabel de Hungria (1207 a 1231), é a mais conhecida no mundo; Santa Isabel de Aragão e Portugal (1271 a 1336), nasceu meio século depois da morte daquela e herdou, por testamentária popular, a maior parte da sua lenda poética. Esta é, para nós Portugueses, a *Rainha Santa* por excelência. A sua festa, que o calendário marca a 8 de Julho, realizou-se agora em Coimbra, com a solenidade habitual.

A primeira Santa Isabel, na ordem cronológica, é a Elisabeth da Escritura. Mereceu a beatitude, não só por ser mãe



ESTÁTUA DA RAINHA SANTA, EXISTENTE NO SEU TÚMULO, EM COIMBRA

de S. João Baptista, mas por ter conseguido salvá-lo da sanha de Herodes, por ocasião do morticínio de recém-nascidos, ordenado por êsse infanticida em *série*. Mais tarde retirou-se para o deserto contemplativo e ali terminou santamente os seus longos dias.

A segunda é alemã, e medieval como as duas rainhas santas: é Santa Isabel de Schnange. Nasceu em 1138, morreu em 1165, com 27 anos de idade. Foi monja beneditina desde os 12, no mosteiro de S. Florindo (Bonn), onde teve muitas visões, cuja narração recolheu seu irmão, o abade Egberto.

Das Isabeis que apenas foram rainhas, mas o foram bem, seria condenável não citar ao menos duas: Isabel, a *Católica*, é Isabel de Inglaterra. Ambas estão fazendo muita falta, respectivamente, à Espanha e ao Império Britânico. Porque essa duas rainhas foram, como é sabido, grandes reis; e os grandes reis mereceram sempre êste grande título por terem feito forte a fraca gente. E a gente é tanto mais fraca quanto mais se santifica Sua Majestade o Indivíduo, isto é,

quanto mais a soma Todo-o-Mundo se confunde com Ninguém.

A rainha Santa Isabel de Hungria inspirou abundantemente os bons escultores e pintores, indivíduos exorbitantes. Hi dela uma estatueta talhada em madeira que se atribui a Alberto Dürer. Holbein Sênior representou-a curando os enfermos, e êste seu quadro está guardado no museu de Munique. A tela de Murillo, *Santa Isabel a tratar dos tinosos*, encontra-se na Academia de Madrid. E o milagre das rosas tem sido representado várias vezes por artistas modernos, como Overbach em 1838, e Duhufe em 1840.

A nossa *Rainha Santa* fez nascer também, da Arte e para a Arte, uma obra-prima imortal — imortal, pelo menos, enquanto um Indivíduo, ou muitos, não deitarem fogo ao antigo convento onde ela se guarda. É a imagem deliciosamente concebida, esculpida e colorida por António Teixeira Lopes — um indivíduo que também se permitiu exceder a craveira do Indivíduo majestático.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

Mulheres

Ao abrir esta secção *Ilustração Feminina*, pergunto a mim própria:—Há, realmente, em Portugal mulheres que mereçam mais do que a habitual *Página Feminina* com receitas de bôlos, *menus* económicos, modelos de almofadas e receitas para tirar nódoas? Se a pergunta é fácil, a resposta é difícil. Excepção à parte—belas excepções que seria injusto esquecer—haverá mulheres, em Portugal, que sigam as ideias modernas como seguem as modas, que procurem o alimento espiritual como procuram as receitas dos pudins, que se enfeitam por dentro com o mesmo cuidado com que se enfeitam por fora? Haverá muitas mulheres que já não confundam Proust com Prévost? Haverá—já não digo muitas, mas algumas—que achem máis, insofismavelmente máis os livros de Jorge Ohnet—esses rebuscados envolvidos em papel cõr de rosa da literatura franceza? Creio que sim, é possível que sim. De resto, o pessimismo é uma doença contagiosa que se deve combater. Sejamõs optimistas por temperamento, ou, quanto máis não seja, por raciocínio. De que serve duvidar se a dúvida nos pode, talvez, evitar uma dolorosa certeza?

Partamos, pois, d'êste princípio: A mulher portugueza já não se contenta hoje, no campo da literatura, com os folhetins do seu jornal; gosta de lêr, tem curiosidades intellectuais, procura estar ao par das literaturas modernas sem esquecer os precursores das grandes épocas; já não muda de conversa quando lhe falam em Claudel ou Valéry; já não delira com Henri Bordeaux; já não ousa rir de Girandonx; já não atira com a palavra «cabotino», como quem atira uma pedra, a quem não empregar, depois dos substantivos da praxe os adjectivos da praxe; lê muito e comprehende o que lê; já não ousa ter opiniões sôbre aquilo que não entende.

Mas, se assim é, porque estão vazias as livrarias? Porque se vendem máis chapéus do que livros? Porque não há ainda uma boa literatura feminina se já há tantas literatas? Quando as respostas têm de ser menos agradáveis, o máis prudente é não fazer as perguntas.

A mulher portugueza, ainda há bem poucos annos, suportava sem revolta a ideia de ser, junto do homem, um ser útil, necessário, indispensável até, mas vagamente inferior. Porquê? Porque o homem assim o exigia? Não creio. É possível que muitos homens se contentem com a mulher-dona de casa, que apenas sabe coser meias na perfeição e fazer as mais complicadas iguarias, mas não são esses, com certeza, os homens que dirigem, pelo fulgor das ideias, os destinos do país. Para o homem simples a mulher simples... Evidentemente. Duas metades fazem um todo e o todo é tanto máis perfeito quanto máis se ajustam as metades. Mas, se o homem é intelligente, culto, avançado nas coisas do espirito, como pode contentar-se com a mulher boneca—a máis perigosa de tôdas—ou com a mulher-formiga, incapaz de ser, de vez em quando, cigarra?

É um grande erro de tãctica a mulher afirmar com orgulho: «Eu não sou de literatas...» O homem ouve, sorri, aprova... e vai procurar, fóra de casa, a companheira, a camarada capaz de se interessar pelos seus achaques, é certo, mas também pelas suas ideias, pelos seus projectos.

Quer isto dizer que tôdas as mulheres devem ser literatas? Deus nos livre de semelhante horror. Se não existissem carpinteiros, varredores, deputados, caixeiros e doutores, se todos os homens fôsssem poetas, morteria, para sempre, a Poesia.

O que é preciso é que a mulher se convença desta verdade: um bom livro não é nunca um inimigo, e é, antes, quasi sempre, um estímulo, um tónico de efeitos fulminantes.

É acreditado... Se Molière voltasse a êste mundo seria o primeiro a dar a mão à palmatória...

F. DE C.

ILUSTRAÇÃO

feminina



OS NOVOS MODELOS DE CHAPÉUS, QUE JÁ ASSISTIRAM AOS CALMOS «COTILLONS» DO SÉCULO XIX, VÊM AGORA, SEM SURPRESA, AS CORRIDAS DE AUTOMÓVEIS, AS PARTIDAS DE «GOLF» E OS VÓOS DOS AVIÕES...

Rapsódia

«Le paradis des Maris...»

Apareceu, há tempos, num jornal francês, um artigo com êste saboroso título: «Le Portugal, Paradis des Maris...».

Porquê? Porque a mulher portugueza sacrificou sempre o cérebro ao coração, porque, quando ama, deixa de pensar por conta própria, porque, ao nascer-lhe o primeiro filho, atira irremediavelmente para traz das costas tôdas as veleidades de independência e porque, entre um verso e um beijo, não hesitou nunca: preferiu sempre o beijo.

As mulheres e os pijamas

È ou não é, afinal, o pijama um traje tudo quanto há de máis decente para usar nas praias?

Em Deauville, em Biarritz, em tôdas as praias que marcam na Europa, o pijama, cômodo, prático, simples, foi adoptado pelas elegantes sem discussão.

Chovem os argumentos a seu favor. A mulher, de pijama, tem os movimentos livres, pode estender-se à vontade na areia sem temer olhares indiscretos e—supremo argumento—poupa as roupas de sêda que a água salgada corta impiedosamente.

Mas se é assim prático, económico e honesto, se as mulheres o aceitaram sem discussão, porque é que os maridos o repelem com tantas discussões? Simplesmente porque o pijama de praia, o verdadeiro, o único digno das elegantes de Deauville, o Pijama com P grande é comprido, amplo, afogado, mas transparente, transparente como o céu, como a água numa linda manhã de estio.

Perguntas embaraçosas

A jornalista Yvonne Ostroga entrevistou, há tempos, uma jóvem arqueóloga franceza que, no Alto Egipto, trabalhou durante meses na necropole. A certa altura, o pai da jóvem, que assistia à entrevista, perguntou à queima-roupa a Yvonne Ostroga:

—Com que então acha que uma múmia é máis interessante do que um marido?

—Não sei... Depende...
—Depende de quê?
—Do marido...

È a jóvem arqueóloga, que sofrera talvez uma irremediável decepção, fez um gesto afirmativo e acariciou dôcemente uma cabeça de faraó.

Teatros de Revistas

As revistas, em Lisboa, começam, finalmente, a ter um aspecto menos desolador. Cenários bons, de vez

em quando, figurinos de bom gôsto, muitas vezes, coristas magras e lavadas, versos que às vezes formam sentido, bailarinas aceitáveis, mas...

Mas, nos finais dos actos, os actores permitem-se a liberdade pouco estãtica de virem agradecer as palmas do público em *gabardine*, em roupão de flanela, em casaco de abafar, em quimono japonês, em guarda-pó de enfermeiro, em pijama de flanela, e até em capa de banho.

O resultado é desastroso. Desaparece a ficção, volta a realidade, e, em vez do Príncipe Encantado, da *girl* com olhos de boneca, da Fada cõr de Rosa e do galã sentimental, vem à superfície o polícia e a criada de servir...

Vestidos Elegantes

Quem regressa do estrangeiro nota sempre que, em Portugal, muitas senhoras usam, pelas ruas, vestidos que, nos outros países, só se usam em recepções, bailes, clubes, etc.

A explicação é fácil. Em Lisboa a vida social é exigua e para raros apenas. Não há grandes hotéis, nem grandes centros de diversão...

Por êsse motivo, as mulheres que possuem vestidos elegantes, vêem-se obrigadas a exhibilos no Chiado,—para que não apodreçam, nos armários, definitivamente inúteis.



A MINHA VIAGEM A PORTUGAL



As minhas impressões sobre Portugal? São tão profundas, tão diversas, que tive de escrever um livro para as resumir. Impossível dizê-las em meia dúzia de linhas. Como poderei exprimir-lhes, num tão curto espaço, o meu deslumbramento perante a paisagem ora grandiosa, ora cheia dum suave encanto — mas sempre dum colorido raro, a minha emoção em face duma arquitectura que vai desde as linhas romanas mais puras até à riquíssima floração da época manuelina. Como hei-de falar-lhes superficialmente dessa pintura de que Paris se orgulha de expor, neste momento, algumas obras primas, como o célebre tríptico do Infante, de Nuno Gonçalves, ou da música, incarnada no Fado, em que vibra tôda a alma doce e nostálgica da Lusitânia? Será preciso dizer-lhes ainda todo o meu entusiasmo perante as velhas crónicas relativas às famosas descobertas coloniais, a todo esse belo passado de nobreza e de heroísmo?

Será possível tentar exprimir, em duas palavras, o fluxo de pensamentos e de reminiscências que me acudiram em presença dos *maranos*, êsses judeus que escaparam à Inquisição e conquistaram, pouco a pouco, a liberdade da sua religião, — êsses judeus cujos antepassados foram irmãos dos meus antepassados?

Não será preferível escrever de novo a frase que fecha o meu livro *Sous le charme du Portugal*? «uma nova pagineta enriquece agora as minhas recordações. O coração bate-me ao deixar este país que não é o meu, mas que levou na alma. Possa este livro tecer mais um elo entre Portugal e a França».

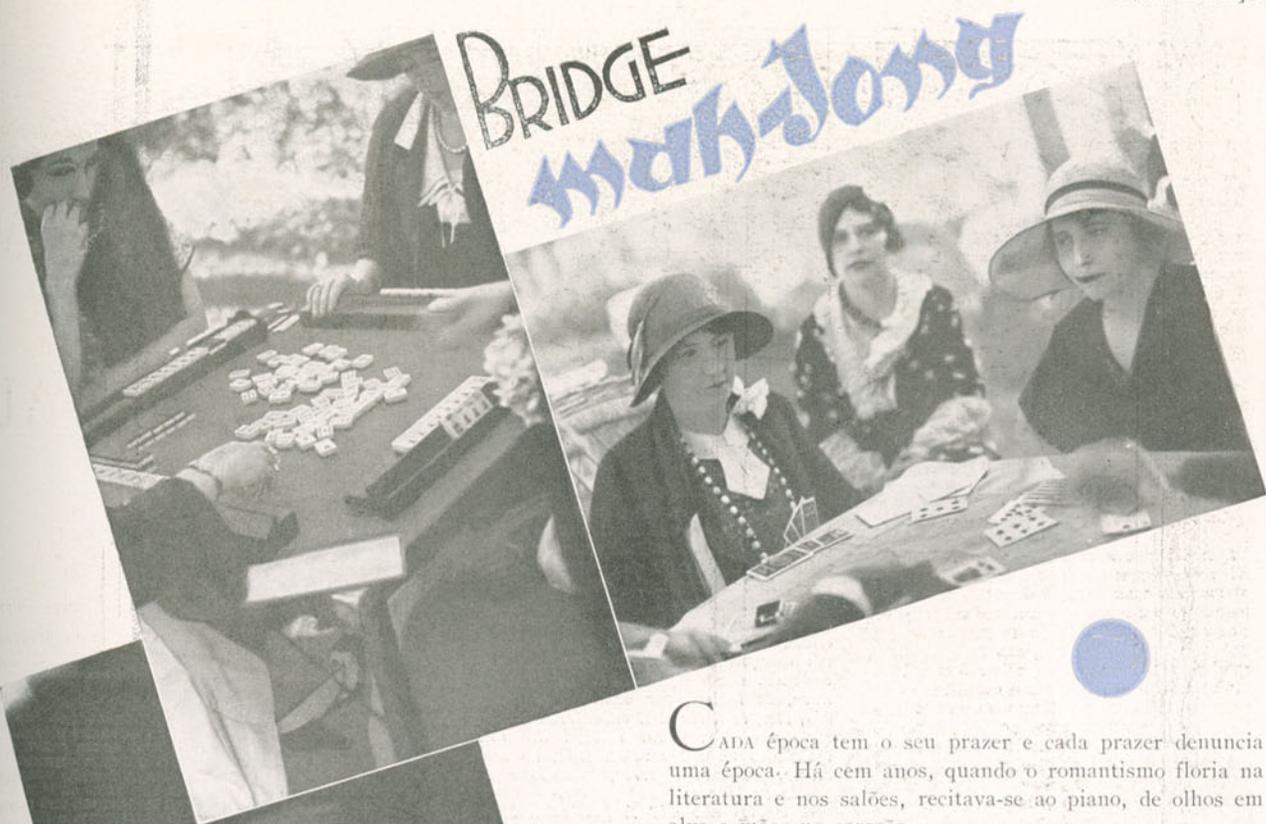
LILY JEAN-JAVAL

AS IMPRESSÕES DA ILUSTRE ESCRITORA FRANCESA LILY JEAN-JAVAL SOBRE PORTUGAL

A «Ilustração», ao iniciar a publicação das suas páginas femininas, teve a ideia de pedir às escritoras que já nos visitaram, as suas impressões sobre Portugal em pequenos artigos inéditos.

Desta maneira ficarão as nossas leitoras ao corrente do que pensam, dos nossos costumes e das nossas paisagens, as figuras mais representativas do mundo das letras, das artes e das ciências.

A primeira a responder ao nosso apêlo foi Lily Jean-Javal, prosadora de reais méritos, autora de vários romances e de poemas em prosa entre os quais se destacam: «Une Femme pleure», «La Quenouille du Bonheur», premiado pela Academia Francesa, «Le Brasier», «Noémi», «L'Inquidte», «Vers le Soleil de Minuit» e, recentemente, «Sous le charme du Portugal». Pelo seu real valor, por esta última obra e, finalmente, pelo caloroso artigo que hoje publicamos, Lily Jean-Javal tem direito à admiração e ao reconhecimento de todos os portugueses.



CADA época tem o seu prazer e cada prazer denuncia uma época. Há cem anos, quando o romantismo floria na literatura e nos salões, recitava-se ao piano, de olhos em alvo e mãos no coração.

As meninas safam dos conventos, sem conhecer o sol, e encontravam na vida a mesma serenidade e a mesma paz dos claustros.

Os prazeres mundanos não eram complicados: o S. Carlos abria, sempre, num mês infalível; os ambientes dos chás eram tranquilos e quietos; os namorados usavam as flores, como palavras duma língua simbólica; e nas reuniões, enquanto os mais velhos jogavam um xadrez paciente, as senhoras, com um novêlo verde no regaço, bordavam panos inúteis, ou então diziam, num tom sentimental, a história macabra dos dois apaixonados, no *Noivado do Sepulcro*.

Como tôdas viviam felizes, faziam esforços enormes para sofrerem dores abstractas e poéticas.

Era a época fácil, agradável, pueril, dos versos retumbantes e das atitudes affectadas. A vida resumia-se em amar, fazer versos e vestir bem.

Logo a seguir à Grande Guerra inventou-se o *jazz-band*, a vertigem do *charleston*, a loucura do *black-botton*. A desordem teve como consequência a desordem, o troar do canhão deu origem ao *klaxon*.

A vida social transformou-se. Muitas mulheres abandonaram, talvez transitòriamente, os bordados e os riscos das almofadas... Os salões deixaram de ter a serenidade duma cela. Já ninguém recita ao piano. Os aparelhos de Rádionia trazem-nos os *jazz-bands* de Londres e de Berlim para dentro de casa.

Hoje, neste momento utilitarista em que chega a ser elegante falar em dinheiro, em negócios, em que todos, mais ou menos, teem a sua *combine*, o jôgo é o grande prazer do dia, o passatempo da moda. As cartas e as pedras substituíram o galanteio e o madrigal. As mulheres já quási não dansam, quási não conversam: jogam...

Jogam o *bridge* — que lhes dá um vago ar intelectual — e o *mah-jong* — a eterna chinesice.



O "meio" não dá...

— Não se iluda... O «meio» não dá para isso... É este o selo português de todas as iniciativas e de todas as audácias, o balde de água fria que se lança, invariavelmente, sobre o entusiasmo e sobre a fé dos raros animadores da nossa Lisboa contemplativa...

O «meio» não dá para um jornal literário no tipo do «Candide», do «Gringoire» ou das «Nouvelles Littéraires»; o «meio» não dá para um «magazine» civilizado, espuma da Europa, o «meio» não dá para uma tentativa de teatro novo, de teatro «por dentro»; o «meio» não dá, etc., etc., etc.... E encontrada a «fórmula o meio não dá», ficam todos muito contentes, instalados na sua mediocridade, no seu comodismo, fumando cigarros, bebendo café e largando sentenças...

O «meio» não dá? É possível... Mas talvez dê o fim, talvez dê o que nós desejamos... Um exemplo pode ilustrar este arrazoado. As revistas portuguesas, as revistas de teatro pareciam condenadas a um eterno mau gosto, às eternas grinaldas e aos eternos cenários «trambalazanas», porque o «meio», o caluniado «meio» não dava para mais... A crítica, «porém não se resignou ao dogma». Tantas observações fez, tanto gritou, que as empresas para agradar a este ou àquêle, principiaram a encomendar, humildemente, cortinas cenários, a António Soares, a Barradas, a Leilão de Barros, etc., etc. E o «meio» deu para isso, e o «meio» gostou e o «meio» já não se resigna a certos cenários indigestos, certos cenários que chegavam a pintar a mania...

Em volta da «Ilustração», da nova «série» da «Ilustração», que hoje principia ouço as mesmas vozes prudentes e bem intencionadas: — Você meteu-se em boa... O «meio» não dá para isso...

Que me importa o meio? Certas iniciativas são meios... a final, para inventar os meios... Enquanto não sairmos desse comodismo, desse fatalismo, não criaremos a atmosfera de que precisamos para fazermos boa figura entre as nações que comandam a nossa época... «Ilustração», que está longe de realizar, no número de hoje, todas as suas aspirações, não tem ilusões sobre o meio, mas pretende, justamente, criar o meio em que ela navegue, em que a sua vida seja fácil... O «meio» não dá? Paciência... Vamos nós dar o meio...

ANTÓNIO FERRO.



Debaixo do Cedro ou à sombra da Academia... O primeiro romance de Ramada Curto aproxima-o de Luís de Camões, do glorioso cantor das nossas glórias... É tal a sua fúria contra determinada classe, cujo timbre é a sua força, que deveremos passar a cognominá-lo Ramada o Trinefortes... Houve já também quem lhe chamasse Anatólio Curto não pelo valor da obra nem pelo valor do seu autor, que é indiscutível, mas porque Debaixo do Cedro tem cinquenta páginas a fingir de quatrocentas... Que o dramaturgo do Diabo em cas não faça beicinho e que esteja certo da alta admiração que temos pelo seu grande talento e pelo seu grande espírito, Ilustração honra-se e regozija-se em ter Ramada Curto como um dos seus mais prestigiosos colaboradores. Chega para não amuar?



ERICO BRAGA TEM ANDADO POR ÊSSE PORTUGAL FÓRA, DE AUTOMÓVEL, ATRÁS DAS COSTUREIRAS... O «GIRASSOL» AINDA MEXE... PÓS-SE O «SOL», MAS ERICO BRAGA «GIRA»... DO MAL O MENOS.

«OS CONDENADOS» E A «VOLTA», AS DUAS INTERESSANTES PEÇAS DA SR.ª D. VIRGÍNIA VITORINO, PARECEM-SE BASTANTE UMA COM A OUTRA... NÃO TERIA SIDO MAIS JUSTO CHAMAR-LHES «IDA» E «VOLTA»?

TEM-SE CHAMADO À COSTA DO SOL, COSTA DO SONO, COSTA DO VENTO, ETC., ETC. EXPRESSÕES INJUSTAS, PORQUE O ESTORIL HÁ DE SER, DENTRO DE ALGUNS ANOS, O GRANDE CARTAZ DE PORTUGAL... MAS, JÁ AGORA, PORQUE NÃO LHE CHAMAR TAMBÉM COSTA DO SÓ?

NINGUÉM ACREDITA QUE O CEDRO DO RAMADA CURTO SEJA O DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO, PORQUE TÔDA A GENTE SABE QUE ESSA ÁRVORE NÃO TEM A «RAMADA CURTA», ANTES PELO CONTRÁRIO. ÉSTE É O CHAMADO «TROCADILHO INFALÍVEL» — QUE TÔDA A GENTE VAI DESCOBRIR.

de Ilustrações

Columbano

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para a capa do nosso número de hoje: um maravilhoso pastel inédito de Mestre Columbano que representa o segundo Conde de Arno, ainda criança, com o traje usado pelos págens no tempo dos reis de Portugal.

Esse pastel, notável por nos revelar um Columbano diferente do definitivo, um Columbano sem crepúsculos nem penumbras, — foi-nos gentilmente cedido pelo sr. Mário de Arruela, filho do dr. José de Arruela.

De metal não; de ouro!

O sr. Pires Avelanoso, publicista ilustre a quem se deve a organização do Arquivo Histórico Colonial e assíduo frequentador da «tertúlia» do Café do Chiado, foi, há meses, quando atravessava, na companhia do dr. Joaquim Manso, a Avenida da Liberdade, atropelado por um automóvel.

Banhado em sangue, e sem saber se se salvaria ou se a sua vida estava por momentos, foi conduzido ao hospital de Santa Marta.

Ali, o pessoal de serviço procedeu, antes que o médico o examinasse, a um inventário do que ele levava consigo.

—Um relógio e corrente de metal amarelo...

Ao ouvir isto, Pires Avelanoso, com o sangue empastado sobre os olhos, com uma brecha na cabeça e várias feridas no corpo, a-pesar de não saber ainda se se salvaria ou se a sua vida estava por instantes, exclamou:

—De metal, não; de ouro!

Os funcionários fingiram não ouvir e continuaram tranqüilamente o inventário.



TEIXEIRA CABRAL

O BALARINO FRANCIS, VISTO POR TEIXEIRA CABRAL

—Um anel com três pedras que não se sabe se são falsas, se verdadeiras...

—Sabe, sim senhor! — gritou da «marquise», onde estava estendido, Pires Avelanoso: — Sabe, sim senhor! É um anel com três brilhantes, e dos bons!

Espelhos mágicos

Os actores Vasco Santana e Samwel Dinis frequentam assiduamente o Capitólio. Porquê? Por causa do «tapete rolante»?

Mandámos um redactor apurar o caso, e o nosso camarada apresentou-nos o seguinte relatório:

«Esses dois actores, depois de comprarem os respectivos bilhetes, sobem no tapete rolante e assentam-se, durante dez minutos, na esplanada. Em seguida descem a escadaria, onde estão os espelhos... Essa descida demora pelo menos uma hora.

As razões são as seguintes: o actor Vasco Santana pára em frente do *espelho que emmagrece*, e fica ali tempos infinitos a gozar a ilusão de que está na espinha...

O actor Samwel Dinis, diante do *espelho que faz engordar*, olha com alegria para a sua imagem, que pesa, pelo menos, 100 quilos!»

A velhice e a mocidade

Ferreira de Castro tem apenas 33 anos mas parece ser ainda mais novo. Quando da sua viagem aos Açores, o presidente da Associação Comercial de Angra do Heroísmo fez todos os esforços possíveis para ter uma entrevista com ele. Não lhe foi possível, porém, satisfazer o seu desejo quando da passagem do escritor para as Flores. Mas, no regresso, Ferreira de Castro encontrou-se, mal desembarcou, entre dois emissários, que não o deixaram enquanto não o levaram ao escritório do presidente da Associação Comercial. Este, quando o autor dos «Emigrantes» entrou, não lhe ligou importância alguma. As suas mãos apertavam o nó da gravata e os seus olhos dirigiam-se para a escada, como se esperassem mais alguém — alguém que fôsse de cerimónia.

Foi, então, que um dos emissários, compreendendo o equívoco, apresentou:

—O sr. Ferreira de Castro...

Subitamente pálido e nervoso, o presidente da Associação Comercial voltou-se com a maior rapidez possível para se desculpar:

—Perdõe-me V. Ex.^a... Mas eu não supunha; sim, eu não supunha... Eu esperava um homem muito mais velho. É que V. Ex.^a escreve como uma pessoa que já tem juízo!

No Minho, Ferreira de Castro é apresentado a um velhote como redactor de «O Século»:

É logo, o bom homem, julgando que quem fez a apresentação não fôra bastante claro, corrige:

—Filho dum redactor de «O Século», não é verdade?

Equívoco

No último número de *Ilustração* atribuímos ao sr. Menezes e Castro a qualidade de escultor das figuras que ornamentavam um carro que se incorporou no Cortejo da Semana da Tuberculose, em Coimbra.

Trata-se dum equívoco, devido a uma lamentável confusão da nossa parte.

Quem modelou as estatuas foi o sr. António Gomes, e quem as pintou foi o sr. Saúl de Almeida, dois distintos artistas de Coimbra.



JORNAL LUMINOSO

«Ilustração» publicará, no próximo número, um artigo de Ferreira de Castro com este título: «1900 em Portugal!».

—«Ilustração» de 15 de Setembro será dedicada ao 5.º Congresso Internacional de Crítica, e obedecerá a esta legenda: «Imagens de Portugal». Paisagens, costumes e trajos portugueses, bonecos de barro, etc., etc.

—O nosso director António Ferro está trabalhando numa peça em três actos, para ser representada, na próxima época, num teatro ainda não determinado.

—O dr. Brito Camacho pensa partir brevemente para a Terra Santa, onde se irá documentar para um livro que lenciona escrever.

—O dr. Joaquim Manso está trabalhando numa obra que se intitulará «Pedras para a construção dum mundo».

—O novo romance de Aquilino Ribeiro só será publicado no próximo inverno.

—Está já impressa, devendo ser posta à venda em Outubro, a terceira edição do romance «Emigrantes», de Ferreira de Castro, cujas obras passaram a ser editadas pela Livraria Guimarães & C.^a.



ANTÓNIO NOBRE — (Desenho de Tagarro)

EM forma de libelo, dum fetichismo verbal manipulado à maneira do que existe de pior em Rialho, vi, deduzir há pouco, contra o poeta António Nobre, uma acusação vaga, inerte de ideias, mas contundente de desprêso e grosseria.

Dir-se-ia que há na inspiração doente de Nobre uma voluntariedade de mau gosto, um exibicionismo repugnante de hemoptises e espectorações.

Certo, é de notar que todos os documentos literários onde a tuberculose deixou a sua *empreinte* melancólica não contêm aquela auto-observação sinistra.

A doença *influiu* em Rodenbach e em Samain mas não constituiu o objecto da emotividade lírica dos poetas. Foi a crítica que viu na doce outonalidade de Rodenbach e na beleza crepuscular de Samain a influência psicológica da doença. Poderá dizer-se: sem um gosto literário mórbido, mais sugerido que espontâneo, sem a influência da escola deca-

ANTÓNIO NOBRE

E O SEU DESEJO ABSURDO DE SOFRER

dente, em suma. Nobre não teria feito aquela elegia directa do *seu corpo cheio de fezes*.

Não esqueçamos que no ambiente literário flutuava a pergunta dos Goncourt: «La maladie n'est-elle pas pour un peu dans la valeur de notre oeuvre».

Mérea sugestão literária, é intuitivo, nunca daria versos como os de António Nobre. Há no seu deslumbramento infantil uma consequência profunda da liberdade que o romantismo deu aos

escritores de falarem de si. Por uma tendência natural, alguns ficaram embebedados na contemplação de si próprios. Este, o caso literário do Nobre, considerado nas suas origens remotas.

Mas o seu mal disfarçado *desejo absurdo de sofrer*, o seu auto-pietismo voluptuoso, esse orgulho mórbido do próprio aviltamento, a volúpia da desgraça, como eu já o disse ⁽¹⁾ constituem uma aberração de sensibilidade nacional a que ele deu uma voz de quebranto e irresistível.

A débil espiritualidade, a fadiga congénita perante um mundo exterior, o lirismo primário que se nutre directamente da própria miséria física, essa coragem triste de pôr em cânticos uma enfermidade fatal, esse temperamento literário rudimentar que, animalmente, faz das próprias pústulas o objecto do

seu apetite, constituem na obra de Nobre um facto social.

Creio profundamente que esse facto se possa deixar produzir, mas, para tanto, é necessário que antes de tudo se faça uma revisão cuidada na personalidade fisiológica do português. Razão porque o último movimento higienista contra a tuberculose é, quanto a mim, o único sintoma sério duma renascença nacional. Mas não confundamos o que António Nobre acusa de todos nós com o que ele acusa *exclusivamente dele*. Não aviltemos a sua individualidade literária singular.

Só ele soube captar a alma sensível de certos ambientes.

Todos os lugares de que falou ficaram impregnados de beatude e a paisagem de Coimbra guardará, para todo o sempre, a memória dos seus males. Porque os seus versos contêm — magia do génio literário — esse poder de diluição verbal em emoção pura, envolveu tôdas as coisas de que falou num crepúsculo perpétuo.

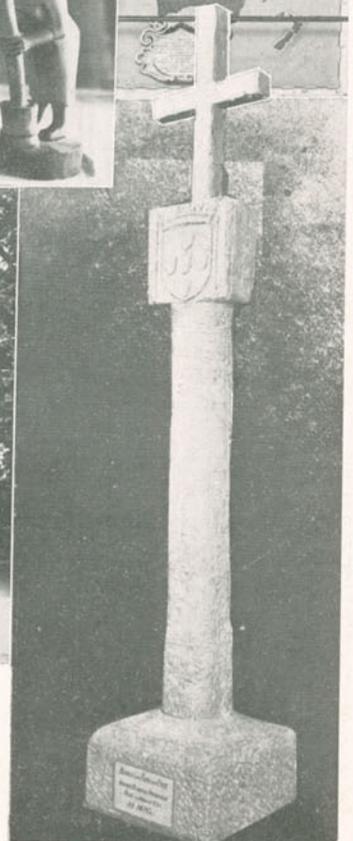
...Parece que a palavra, nos grandes artistas, não é mais do que um reagente necessário à verificação, pelos mortais, da existência das grandes possibilidades do Inverosímil.

Dada, porém, a crise progressiva do espírito, bem pior que a crise económica, António Nobre, dentro em pouco, será apenas considerado como uma espécie de vítima histórica do *terrível mal* e, na sua obra, pouco mais haverá do que uma grande sugestão de luar e de miasmas.

Será possível?

(1) A inteligência na Literatura Nacional.

PORTUGAL
NO PARQUE
DE
VINCENNES



ESTA PÁGINA DÁ UMA IMPRESSÃO, AINDA QUE VAGA, DA CÔR, DO PITORESCO E DA BELEZA DOS NOSSOS PAVILHÕES NA EXPOSIÇÃO COLONIAL DE PARIS. DESDE OS MANIPANSOS, TALHADOS PELOS NEGROS DE MOÇAMBIQUE, ATÉ AO PADRÃO SAGRADO DAS NOSSAS DESCOBERTAS, TUDO SE ENCONTRA NELES: A JANELA ANTIGA, A CRUZ DE CRISTO E O GRANDE CARTAZ LUMINOSO DO MAPA ONDE ESTÃO MARCADAS AS ROTAS FEITAS PELOS DESCOBRIDORES PORTUGUESES...

(Fotos Waroline)



EXPOSIÇÃO PORTUGUESA NAS SALAS DO JEU DE PAUME



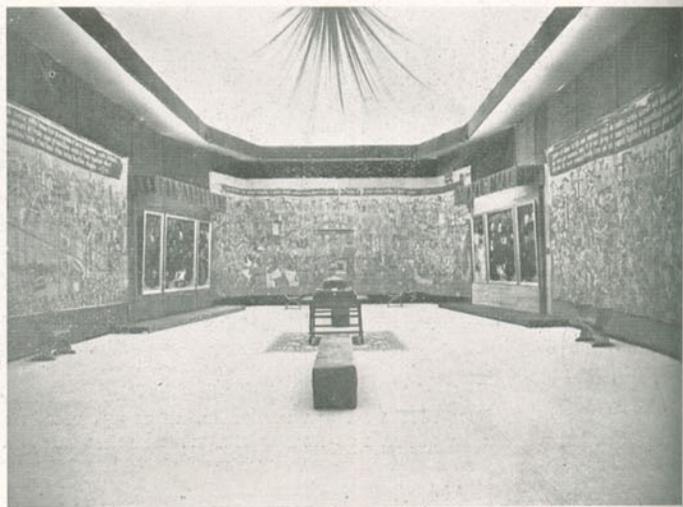
A PROVEITANDO o ambiente favorável, criado pela representação portuguesa na Exposição Colonial de Paris, o sr. dr. José de Figueiredo, distinto director do Museu Nacional de Arte Antiga, com o valioso apoio do Mestre Sousa Lopes, ilustre director do Museu de Arte Contemporânea, teve a admirável ideia, patrocinada pelo Comissário do Governo na Exposição, M. Manuel da Silveira e Castro, de organizar, nas salas do Museu do Jeu de Paume, uma exposição de arte portuguesa.

O sr. dr. José de Figueiredo e Mestre Sousa Lopes foram os encarregados de seleccionar as obras-primas a expor, missão que cumpriram com uma competência e inteligência inexcedíveis.

A exposição, como era de prever, constituiu um grande êxito, para o que contribuiu não só a qualidade das obras expostas, verdadeiras maravilhas do nosso patrimonio artistico, mas também a forma civilizada, simpática e sóbria como foram apresentadas nas magnificas salas do Museu da Praça da Concórdia.



A SALA ONDE ESTÃO EXPOSTOS OS QUADROS DE COLUMBANO
(Foto Berthelomier)



A SALA ONDE SE ADMIRAM OS TRÍPTICOS DE NUNO GONÇALVES E AS TAPETARIAS DE ARZILA
(Foto Berthelomier)



OS NOSSOS MENINOS

QUANTA paciência, quantas virtudes são necessárias para que um corpo viril, a transbordar de saúde e de alegria, se incline mais tarde para a nossa decrepitude, para que uma boca juvenil nos diga, vinte anos depois, com ternura, com gratidão, com respeito, esta doce oração de amor: «Minha mãe...»

A tarefa de educar um filho, de dar-lhe uma linda vida interior, tem, necessariamente, de começar no berço. Dos primeiros dez anos depende, quasi sempre, tudo o que vem depois — as virtudes e os vícios, o vigor físico ou a atrofia incurável. Amar os filhos não basta: é preciso também prepará-los para o mal e para o bem da vida. Amar os filhos é fácil, natural e agradável. Fazê-los

felizes é muito mais difícil e às vezes só o conseguimos à custa de muitas fadigas, de muita inteligência e de muitas renúncias.

Prender os nossos filhos, por exemplo, quando o seu desejo é correr ao sol, no jardim, mandá-los calar quando já estamos fartas das suas perguntas — e Deus sabe a que ponto eles podem levar o martírio das perguntas — vesti-los de seda, quando há bibes de riscado que se podem romper impunemente, envolvê-los demasiado na rede dos nossos cuidados, pôr-lhes o colete de forças das camisolas várias, obrigá-los a dietas, quando há tantos frutos maduros, cortar-lhes o vôo inquieto dos primeiros passos, dos primeiros gestos, são erros inconscientes que

terão como consequência inevitável esta primeira e dolorosa revolta: «Quando eu for grande...»

Depois, mais tarde, sob o pretexto da «educação», contrariá-los sistematicamente, obrigá-los a obedecer apenas para que sejam obedientes, sem lhes explicar as razões, sem ouvir as suas próprias razões, é fazer d'elles uns escravos sem personalidade, de ante-mão vencidos e convencidos por hábito e por educação.

É bem mais difícil do que se pensa fazer um menino feliz.

A escolha dos próprios brinquedos não é tão fácil como parece à primeira vista e faz mal a mãe que esbanja o dinheiro à toa sem se preocupar com as predilecções, com as manias de cada um dos seus filhos.

Os brinquedos, a bem dizer, são o primeiro elemento educativo de que nos devemos servir. A influência dos brinquedos é tão grande, tão forte, que Joffre, o grande general Joffre, costumava dizer:

— Talvez não tivesse escolhido a carreira militar se não me tivessem dado, aos cinco anos, uma caixa de soldados de chumbo.

Não vou afirmar, evidentemente, que o menino que gosta de chicotes será mais tarde cocheiro e que um outro que prefere as bolas será mais tarde um «az» de *joot-ball*. Todos os critérios rígidos são maus, mas o que é certo é que na escolha dum brinquedo uma criança revela, quasi sempre, uma vocação, uma preferência.

Forain, que a sua família destinava à burocracia, encontrou na rua uma caixa de lápis de côres e a sua vocação manifestou-se imediatamente.

Mas não são apenas os brinquedos que influem na vocação futura. Uma palavra, um gesto, um simples objecto, podem ter uma influência decisiva, — como tentarei provar numa próxima crónica.

FERNANDA DE CASTRO.



A HORA DE RECREIO NUMA COLÔNIA INFANTIL DA ALEMANIA

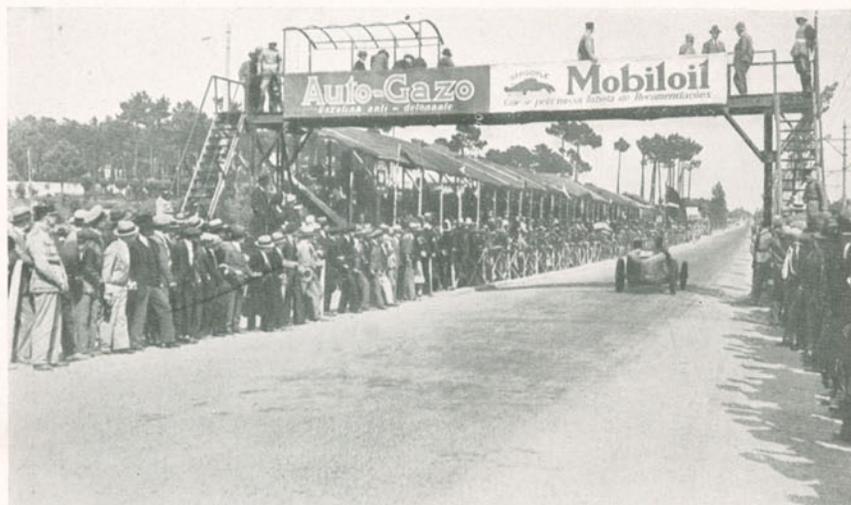


UMA DAS PRECIOSIDADES DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA, PERTENCENTE AO MUSEU DE ARTE SACRA, NA MISERICÓRDIA, INAUGURADO NO DIA 4 DESTE MÊS PELO CHIEFE DE ESTADO.



O NOSSO DISTINTO COLABORADOR FOTOGRAFICO HORACIO DE NOVAIS EXPÓS, DURANTE QUINZE DIAS, NOS SALÕES DA CMA DA IMPRENSA, DE LISBOA, OS SEUS ÚLTIMOS TRABALHOS. ESSA EXPOSIÇÃO OBTVE UM GRANDE ÊXITO E MERECEU DA CRÍTICA AS MAIS ELOGIOSAS REFERÊNCIAS

CHEGADA DE BERNARD SHAW A BERLIM NO SEU REGRESSO DA RÚSSIA. COMO SABEM, O GRANDE DRAMATURGO IRLANDEZ FOI A ESSE PAÍS DISPOSTO A OBSERVAR OS COSTUMES E AS INSTITUIÇÕES BOLCHEVISTAS, PARA ESCREVER UM LIVRO, DO QUAL TODO O MUNDO ESPERA AGORA COM GRANDE ANSIEDADE. POR ENQUANTO, BERNARD SHAW TEM GUARDADO O MAIS ABSOLUTO SEGRÉDO ACERCA DAS SUAS OPINIÕES SOBRE O ESTADO COMUNISTA; MAS SUPÕE-SE QUE O GRANDE ESCRITOR NÃO VIEU MUITO ENTUSIASMADO DA TERRA DOS «SOVIETS» E QUE O SEU LIVRO SERÁ, SEGUNDO TÓDAS AS PROBABILIDADES, UM CRÍTICA SANGRENTO ÀS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS DA RÚSSIA



COM GRANDE ÊXITO, REALIZAM-SE NO PÓRTO AS CORRIDAS DE AUTOMÓVEIS DO CIRCUITO DA BOAVISTA, EM QUE OS AMADORES DESSE DESPORTO PROVARAM, MAIS UMA VEZ, AS SUAS QUALIDADES E A SUA CORAGEM. OS TEMPOS CONSEGUIDOS PELOS CARROS FORAM MAGNÍFICOS E ENTUSIASMARAM A NUMEROSA ASSISTÊNCIA QUE ENCHIA O RECINTO RESERVADO ÀS PROVAS

O SR. EMBAXADOR DE ESPANHIA, DISCURSANDO POUCO DE PÓS DE TER SIDO HASTEADA, PELA PRIMEIRA VEZ, NO PÁTIO DA EMBAXADA, A BANDEIRA DA REPÚBLICA ESPANHOLA

(Foto Platão Mendes)

(Foto Horácio de Novais)



O FIM DE GRETA GARBO

PARODIANDO um verso de Petrarca, costumava recitar, em péssimo italiano, esta excelente verdade:

Cinema è cosa mobil per natura...

Não é possível compreender a história do cinema sem aceitar essa mobilidade. A ela se sujeitam, não só os princípios físicos em que o cinema se baseia, mas ainda o destino efêmero das estrelas, que tão rapidamente surgem e desaparecem no firmamento cinematográfico.

Os historiadores do cinema (Robert Florey, Léon Moussinac, Charénsol, Boisvyon, Ferri Pisani, Emilio Ghione, etc.) têm adoptado quasi unanimemente um critério qualitativo, considerando os filmes só por si, com o que nêles contribuiu para o aperfeiçoamento técnico e evolução artística da arte cinematográfica.

Quanto a nós, preferimos sempre não isolar o filme do público, que é o seu complemento indispensável, colocando-o assim no seu verdadeiro lugar: o do espectáculo.

Segundo esse critério, a história do cinema pode dividir-se em seis grandes ciclos, a saber: o ciclo Max Linder, o ciclo Pearl White, o ciclo Bertini, o ciclo Mary Pickford, o ciclo Rudolph Valentino e o ciclo Greta Garbo.

Os nomes que rotulam cada um desses ciclos distintos não foram escolhidos arbitrariamente. De facto, cada um deles evoluiu sob o signo do actor ou actriz que, durante êle, atingiu maior popularidade.

Durante o primeiro ciclo, nebuloso, o nome de Max Linder impõe-se sobre todos os outros. Max é o único actor verdadeiramente cinematográfico desse tempo em que os papéis de

cinema silencioso se entregavam aos Le Bargy e às Sarah Bernhardt. Foi o ciclo do disparate de chapéu alto, facilmente vencedor do drama histórico relâmpago.

Durante o segundo ciclo, heróico, aventureiro, a boina e a lavière de Pearl White apaixonaram todos os rapazes que andavam no liceu. A seu lado, surgiu uma legião de cavaleiros, polícias e ladrões. Foi a vertigem do mistério e das séries.

No terceiro ciclo, sentimental, Francesca Bertini é idolatrada na Europa inteira. Duas damas de honor: Pina Manicelli, Lyda Borelli. Cinema atravessado de Bataille e Victorien Sardou.

No quarto ciclo, ingénio, reacção americana. Mary Pickford é «a noiva do mundo». Douglas Fairbanks, não obstante todo o seu valor, não consegue ser senão «o marido de Mary Pickford». A humanidade anda de canudos loiros sobre os ombros e de sapatos de prezilha...

No quinto ciclo, adolescente, os olhos de Rudolph Valentino começam a preocupar seriamente as cinéfilas. A imagem começa a materializar-se em casos pessoais, a provocar casos de rua. É o apogeu do estilo de *après-guerre*, a proclamação dos direitos do homem no cinema.

No sexto ciclo, finalmente, no ciclo que acabámos de viver, o *cinéfilus vulgaris* vingava-se da sua romântica e valentinófila companheira. Adora Greta Garbo. Greta Garbo é, para êle, qualquer coisa de definitivo, embora indefinida e distante. Diz-se «a Garbo», como se disse «a Duse». E essa partícula, que distingue a diva da mulher vulgar, é o mais honroso e merecido título.

Greta Garbo consegue realmente pairar muito acima do nível médio do mundo a que pertence. Por inteligência, ou por singularíssima sensibilidade, não se deixa abocanhar facilmente pelas intrigas dos bastidores de Hollywood nem pelas especulações dos *publicity-men*. A sua volta, criou-se uma atmosfera de sonho e de respeito, que nada tem de obscuro ou misterioso no que se refere à sua biografia, mas que envolve a sua personalidade presente numa auréola mística inexpugnável.

Sabe-se que nasceu duns Gustafsson quaisquer, normais e pobretões; que vendeu chapéus num grandela de Estocolmo; que andou reproduzida em catálogos e em jornais de modas; que entrou no paleo e no estúdio com o pé direito, graças à sorte, como tantas outras...

Mas, a partir de então, a sua carreira tem qualquer coisa de musical, que a torna harmoniosa e, ao mesmo tempo, sibilina.

Greta Garbo tem sabido resistir como ninguém à crítica e ao tempo. Muitos dos seus filmes não têm, analisados friamente, nada de cinematograficamente notável. A maioria das personagens que criou pertencem à galeria convencional das heroínas de romance, de caracteres banais, mais que previstos. Pois a sua personalidade é de tal modo singular, que a memória de cada um deles prevalece, inalterável, no espírito de cada um de nós.

É Greta Garbo, sem dúvida, a figura dominante do último ciclo cinematográfico.

Esse ciclo aproxima-se do fim. Vibraram-lhe golpes mortais o aparecimento triunfal do fono-cinema que invadiu os estúdios de ambos os continentes. Não foi possível manter no público, perante a revolução, o estado de espírito que presidiu às últimas épocas do silêncio. Os espectadores, chocados ou entusiasmados, viram-se na necessidade de pôr de parte antigos preconceitos, velhas predilecções, opiniões fora de moda...

Mas, piedosamente, guardaram no seu íntimo, intacta, a admiração religiosa por Greta Garbo.

Disseram-lhes que Greta Garbo pensava em retirar-se... Não acreditou.

Disseram-lhes que Greta Garbo tinha voz de homem... Não acreditou.

Disseram-lhe que Greta Garbo já deu o que tinha a dar...

Sorriu, com superioridade e com desprezo.

E agora, como sabe que pode continuar a vê-la e admirá-la, continua firme nas suas convicções.

Mas Greta Garbo morrerá com o seu ciclo — como Camões morreu com a Pátria... Aproxima-se o fim. Max Linder morreu antes de suicidar-se... Pearl White foi um ar que lhe deu... Francesca Bertini bastou casar para ser esquecida... Mary Pickford «cresceu», cortou os canudos e cobriu-se de rugas, acintosamente... Rudolph Valentino morreu, sem metáfora, numa peritonite, exactamente quando o seu astro declinava.

Greta Garbo, essa, vive, e pesca, e lê, e joga o «ping-pong». Até faz filmes...

Mas não tarda a eclosão do sétimo e novo ciclo, sob os auspícios... quem sabe se de Maurice Chevalier, de Clara Bow, de Nancy Carroll, de Marlene Dietrich, ou de quem?

E Greta Garbo ficará na história do cinema como a grande rainha dum hora, a deusa dum momento, dum instante fugaz, intenso, glorioso — mas que foi breve e não voltará mais.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO.

“BON” O CARICATURISTA VAGABUNDO

EM pleno *boulevard* madrilenho, à hora da tarde em que os elegantes pululam sob as frondes macias, à beira dos gelados da moda, surge, de súbito, uma caminheta bariolada de cores berrantes, uma velha *Ford* que suporta, sôbre as molas oscilantes, uma casa ambulante, de cigano ou cómico da légua.

A multidão, essa multidão alegre de Madrid, que ri e toma sol, ainda que os *pistoleros* pulem, endiabrados, por cima das mansardas, num bailado estúpido e macabro, essa multidão especial, de mulheres bonitas, pedreiros sujos e «guardas de assalto» que é típica e única na Europa, rodeia a carreta desengonçada que fez um alto no caminho. Abre-se atrás uma portinhola minúscula e salta, em desalinho, cheio de pó, um moçoão trigueiro, cabeça de antigo nómada, agitando entusiasticamente uma campânha, atrojando os ares com uma peroração nervosa, inquieta, cheia de graça e de mocidade. É o caricaturista *Bon*, um artista dos mais notáveis, que há anos



O «ATELIER» AMBULANTE DE «BON», NUMA RUA DE MADRID

corre o mundo, magnífico na sua magnífica independência, rebelde, destrambelhado, sem dever a ninguém a sua glória e a sua popularidade.

O ágil artista dos flagrantes ridículos, o homem que, numa galeria magistral,

retratou, por fóra e por dentro, todos os homens políticos da Espanha, lá está gritando, corajosamente:

— Entrem, meus senhores! Entrem e admirem!... As caricaturas mais engraçadas do mundo!...

É expõe, permanentemente, no seu salão pitoresco, sob a ramagem frondosa do Retiro ou da Castellana, na praça de um *pueblo* ignorado ou em Hollywood, ou em Roma ou em Calcultá, o seu museu humorístico, vendendo caricaturas célebres que logo repete e fazendo até, por encomenda...

— Entrem!... Entrem!... Caricaturas pessoais a 7 pesetas!

E eis porque é admirável este admirável saltimbanco de arte, que, longe de ser um falhado, um insuficiente, vai mostrando, pelo mundo, a sua arte inconfundível, vivendo, pobre e alegre, na sua gaiola de tábuas, sem outro governo que não seja o seu alvedrio, sem outra ambição que não seja o seu trabalho.

— Entrem!... Entrem!... Vejam o museu do riso!... Caricaturas pessoais a 7 pesetas! Para famílias e militares sem graduação, descontos especiais...

Bon, cartaz gritante de uma arte que tem e terá sempre um contacto saboroso com o funambulismo, *Bon*, atista enorme, que consegue, no mais alto grau, esta coisa sublime: ser escravo da sua arte e, sem embargo, ser livre como um pássaro na sua gaiola pintalgada cuja chave traz no bolso vasto e aberto das pantalonas de ganga remendada...

Bemdito Artista, com maiúscula, que nunca se preocupou com cartões de visita e a citação «premiado em várias exposições», ele que traz no peito, perto ao coração, a medalha gigante que a multidão lhe outorga, a rir, com o amor que o povo tem sempre pelos palhaços que mofam da vida!



«— ENTREM, ENTREM! CARICATURAS PESSOAIS A SETE PESETAS!»

JOÃO DE SOUSA FONSECA.

CRÓNICA de TEATRO

SINCERAMENTE ou não, quasi todo o *snob* da arte ou das letras cultiva a maldição do *foot-ball*, do *jazz-band* e do *music-hall*. Sempre é uma attitude que empresta ao janota esse ar emplumado de quem vóo muito alto. Para um cavalheiro nestas condições o desafio da bola resume-se numa peleja de brutos; o *jazz-band* num ataque de furor selvagem; e o *music-hall* num espectáculo de baixo instinto. E os *snobs* têm muitas vezes razão.

Mas tiremo-nos dos nossos cuidados e aproveitemos um domingo no estádio. Nas bancadas, broncos e artistas seguem magnetizados a esfera que rola no espaço. Um mar de cabeças ondula, para as bandas dos peões, ao sabor de um entusiasmo que esfria e aquece, ante um *falhanço* do *back*, um *tiro* do avançado centro, uma *estirada* do guarda-redes. Para todos esses espectadores, o *foot-ball* é, talvez, um símbolo da luta pela vida — em que todos pretendem meter *goal*, sem risco de uma *grande penalidade*. Sem dúvida, toda aquela gente está longe de saber explicar a sua paixão pelo *jôgo*; mas as grandes paixões são aquelas que não se explicam.

Estamos, agora, numa sala onde um aparelho de T. S. F. capta um concerto de música de baile, num grande hotel londrino. E a um canto, um sujeito velhote fica muito contrariado porque foi surpreendido em ânsias de gingar na poltrona. O seu ódio ao *jazz* está na proporção da anquilose dos seus joelhos, da rigidez das suas veias esclerosadas. Aquela música desarticulada (parecendo feita por um diabo que andasse a varrer notas do chão, para as enfiar num cordel) só tem unidade à força de ritmo — e o ritmo é o primeiro chamamento do instinto à poesia. E o bicho velhote estava gostando, no fundo...

Enfim, compremos uma cadeira para o «Maria Vitória». Dos camarotes à geral, vem-se artistas, filósofos, aristocratas, à mistura com burgueses, mecrizes, trabalhadores e vadios. E todos gozam a faltar. Na primeira fila de orquestra está um senhor, já maduro, de olhos arregalados, farejando o sorriso deixado cair por certa atriz... No palco desfilam mulheres frescas aos montões, carne em viço, bailados graciosos, gracejos. Retirada de olhares indiscretos, numa frisa, certa dama respeitável, esconde-se para saborear algum dichote rico em sugestões obscenas — que ela muito bem conhece. Mais adiante, um digno careca arrima os queixos à balaustrada — não vá a dentadura fugir-lhe atrás duma gargalhada livre. Com todos os disfarces e pudores, o velhote e a senhora, e outros mais, adoram a *expressão materialista* da sua mais forte religião — a vida.

A revista provém, castiçamente, da *comédia primitiva*, das *atlanas* de Roma, das *moralidades* e *mistérios* medievais. Sujeta-se à mesma estética. E até a forma burlesca e licenciada de se exprimir é semelhante. Esta salada de cantigas, bailados, motejos, heróis, borboletas, invertidos, poltrões, morangos, nabiças, pássaros, mamíferos, pátria e religião, caracterizou sempre o rito do teatro popular. E se tomarmos em valor os progressos da encenação; a valorização da cor pela luz; enfim, o nível alcançado por cada arte, de per si, compreenderemos o gran elevadíssimo de beleza plástica atingido pelo nosso *music-hall*.

Unicamente, na sua própria condição, enfiada a curiosidade do público, desfeito o interesse pelas formas imprevisíveis, o espectáculo de *music-hall* envelhece e morre: exige novos assuntos, novas expressões, novas mulheres. Tornar a montar uma revista de antigo êxito

seria, por tôdas estas razões, tão estúpido como vender a alma ao diabo, em troca de uma promessa vaga de rejuvenescimento.

Foi sabendo tudo isto que os autores de *Viva o Jazz* — Lino Ferreira Acúrcio Pereira, Silva Tavares, Lopo Lauer, Fernando Santos — prepararam uma sala-dança colorida e saborosa, para alimento da imaginação espectacular dos lisboetas. Por seu turno, os empresários fizeram-na servir por Maria Helena, Georgina Cordeiro, Maria das Neves, Lubélia Stiehini, Maria Brazão, Filomena Casado, Josefina Silva. E — com franqueza — assim, não há fastio que se agüente. O tempero cómico, indispensável, é trazido pelo talento de Maria Matos, por Carlos Leal, Augusto Costa, Artur Rodrigues, António Silva.

No Avenida, com a revista *Ai lô* — de Felix Bermudes, João Bastos e Alberto Barbosa —, o espectáculo tem foros de qualquer coisa de invulgar — para o nosso meio pelintra.

Dizia Tomás Borrás que o autor de revistas é, principalmente, *cortador*. Do jeito com que saiba cortar e dosear números e quadros depende parte do seu êxito. Ora, os autores de *Ai lô*, são mestres nessa faina de articular, em doses sábias, a graça, a fantasia, a cor. Sucede que, a seu lado, um grupo notável de artistas, sob a direcção de Eva Stachino, realizou um trabalho limpo — do mais interessante que, no género, se tem conseguido entre nós. Desde as manchas de cor dos cenários — de Maria Adelaide Lima Cruz, Viagas, Mergulhão, Luís Reis, Martins, Baltazar, Almeida & Duarte, Salvador, Jaime Silva — ao desenho dos figurinos — de José Barbosa — e aos movimentos das massas de coristas, tudo se valoriza num ambiente de bom-gosto e harmonia. O agrupamento coreográfico, ensinado e dirigido pelo bailarino Francis, tem mesmo um papel brilhante na revista.

Quanto a caras bonitas, elas encontram-se a esmo entre o numeroso grupo feminino que rodeia Eva Stachino e formado por Amélia Pereira, Dina Teresa, Evangelina Bastos, Fanny Franco, Julieta Valença, Lídia Moreira, Maria Álvarez, Maria Amélia, Maria Ema, Mercedes Gonzalez e Maria Sampaio. Santos Carvalho, Vasco Santana, Seixas Pereira, Aurélio Ribeiro e Armando Machado, encarregam-se de contrariar com a formosura ou de fazer números cómicos.

O *canto da cigarra* (fabricado por três autores consagrados do teatro ligeiro) — Silva



Tavares, Carvalho Mourão e Xavier de Magalhães) é apresentado por Luísa Satanela, após a dissolução da firma-Satanela-Amarante. Juntamente com a simpática directora da companhia, imprimem formosura e graça à interpretação da revista, Beatriz Costa, Maria Cristina, Côrte Real, Gilda Barco, Erelha Costa canta fados tristes na sua voz cheia de fatalidade. Um grupo airoso de coristas-bailarinas alegre os quadros. Assis Pacheco, Raúl Carvalho, Gil Ferreira, Barroso Lopes, Alvaro Pereira, divertem os espectadores. Bailam Charles e Betty. Música feliz de Armando Rodrigues e Raúl Ferrão sublinha o movimento. Os cenários são *bem*; a vestimenta elegante e colorida. Luísa Satanela ofereceu-me um cálice de vinho do Pôrto — um dos *números* da revista. E devo confessar que, trazido pela sua mão, o vinho era uma obra de arte. Para outra vez deve encher melhor o copo...

E todos os dias os teatros de *music-hall* se enchem. E com razão. São duas horas de bom humor — um tesoiro. E que os revesteiros estão sempre nas bancadas, observando a esfera que rola no espaço. E fazem logo a caricatura de tudo e de todos: da *estirada* do guarda-redes da política; dos *falhanços* do ponta esquerda do negócio; dos *pontapés livres* de algum *back* da literatura; dos *off-side* dos avançados da finança. Como no campo da bola há um símbolo da luta pela vida, no palco da revista há sempre a imagem caricatural de um grande desafio. E lá vem tudo a correr para o «Estádio», para o «Maria Vitória», para o «Avenida», para o «Variedades». Dêste *miradoiro teatral* vem-se as pessoas comprando bilhetes aos contratadores, *sôfregamente*. Se, por um momento, hesitam, logo se resolvem — como se tivessem ruminado no dito popular: *ora, este mundo é uma bola e quem cá anda...*

E. S.

PIM DE PESTA

Estoril

Infelizmente, não podemos publicar, neste número, uma desenvolvida reportagem sobre a inauguração do novo Casino de Estoril, que se realizou, no sábado, no meio de grande entusiasmo. Num dos próximos números, daremos o merecido relêvo a esta iniciativa civilizada e merecedora do carinho de todos os portugueses modernos, que não devem desamparar as poucas tentativas que se fazem em Portugal no sentido de acompanhar o ritmo contemporâneo.

Os pijamas

Numa das praias do norte de Portugal apareceu, finalmente, uma senhora, envergando um pijama moderno!

— Bravo! Ainda bem que você se resolveu a copiar a moda de tôdas as praias francesas — disse-lhe um admirador entusiasmado.

A senhora sorriu, deitou-se comodamente na areia, e olhando, cheia de ironia, para a praia sonolenta, deserta e triste, respondeu: — É para dormir melhor!

No Casino Novo

Comentário duma senhora *Luis XI* diante da decoração 1931 do Palace Hotel e do Casino Novo, do Estoril:

— Não gosto... Não gosto nada... Acho tudo isto muito nu...

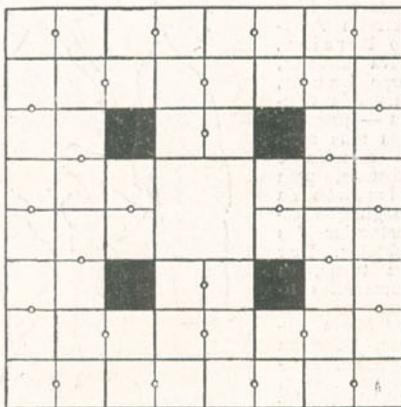
Resposta pronta dum jornalista que compreende e ama tôdas as audácias:

— Nu? É possível... Mas nu artístico...

José Carlos da Silva

O nosso querido amigo sr. José Carlos da Silva, que figurou até hoje como director-delegado desta publicação, viu-se obrigado, pelos seus muitos afazeres, a abandonar esse cargo que sempre exerceu com muita inteligência, muito brilho e um admirável bom senso. Mas a ausência do seu nome no cabeçalho não implica ausência da sua actividade e da sua colaboração. O sr. José Carlos da Silva continua ligado ao nosso esforço e muito contamos com as suas altas qualidades de organizador e de homem do seu tempo.

Passatempo de dominó



Pela forma designada neste quadrado hão-de colocar-se as 28 pedras de um jôgo de dominó, de tal maneira, que, a soma dos seus pontos, tanto horizontal, como vertical, como diagonalmente, dê sempre o total de 21.



«PORQUE ESTÁ NA BERLINDA?»

É O PRIMEIRO JOGO DE PRENDAS DA NOSSA REVISTA; UM CONCURSO DE VERÃO, SIMPLES E AGRADÁVEL.

DURANTE SEIS NÚMEROS PUBLICAREMOS SEIS FOTOGRAFIAS DE FIGURAS EM DESTAQUE.

OS LEITORES QUE QUEIRAM CONCORRER DEVEM-NOS ENVIAR, DENTRO DUM ENVELOPE DIRIGIDO A NOSSA REDACÇÃO, OS NOMES DESSAS PESSOAS E AS RAZÕES PORQUE FORAM PARA A BERLINDA.

AQUELES QUE ACERTAREM COM OS NOMES E, AO MESMO TEMPO, NOS ENVIAREM AS RESPOSTAS MAIS ESPIRITUOSAS, TERÃO DIREITO A RECEBER VÁRIAS PRENDAS—CUJA LISTA PUBLICAREMOS NO PRÓXIMO NÚMERO.



— Vês o que se fazia antigamente às meninas que metiam os dedos no nariz!

(Do Gringoire)

EDITOR:

Francisco Amaro

ASSINATURAS:

R. Diário de Notícias, 78—Telef. 23132

PUBLICIDADE:

R. Anchieta, 25 — Telef. 2 0535

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

R. da Alegria, 30 — Telef. 2 0537

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

Aillaud, L.^{da} e Empresa Nacional de Publicidade

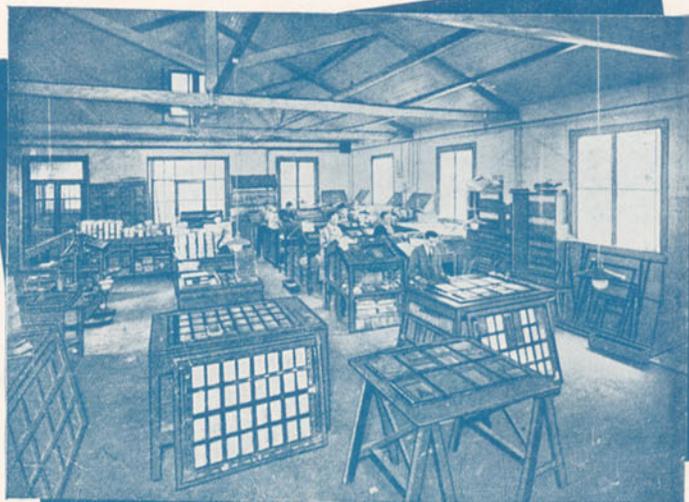
SOCIEDADE GRÁFICA EDITORIAL

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS
DE GRANDE
ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS



É NESTAS OFICINAS QUE SE IMPRIMEM TODOS OS BELOS TRABALHOS
GRÁFICOS DE

ILUSTRAÇÃO, MAGAZINE BERTRAND,
O VOLANTE, HISTORIA DA LITERATURA
PORTUGUESA (ILUSTRADA), REVISTA
AERONÁUTICA E ALMANACH BERTRAND



AS MAIS MODER
NAS INSTALA
ÇÕES DO PAIZ
E AQUELAS
QUE MAIOR
CAPACIDADE
DE PRODUÇÃO
POSSUEM
SECÇÃO ESPE
CIAL DE PU
BLICAÇÕES PE
RIODICAS UL
TRA RAPIDAS
COMPOSIÇÃO
MECANICA

S. A. R. L. RUA DA ALEGRIA, 30 LISBOA



Eis o que qualquer óleo pode causar ao seu motor

Não se arrisque a isso.

Depósitos carbonosos duros e traiçoeiros; perda de força; desgaste desnecessário — eis o que o emprêgo de «qualquer óleo» pode causar no motor do carro de V. Ex.ª.

O óleo apropriado ao motor do seu carro — o óleo que o protege contra uma destruição prematura — deve conter em proporção correcta, as quatro propriedades seguintes:

Contra - Carbonização — que assegura a redução dos depósitos carbonosos duros.

Resistência ao calor — que assegura maior duração do óleo.

Oleosidade — pela qual se obtém a protecção máxima das superfícies em contacto.

Contra - Oxidação — pela qual são evitados os depósitos gomosos nas válvulas e o entupimento das tubagens do óleo.

Se V. Ex.ª consultar a nossa «Tabela de Recomendações», encontrará nela o tipo de Mobiloil exactamente adequado ao motor do seu carro. Os engenheiros da Vacuum estudaram o sistema de lubrificação dos vários automóveis, enquanto que os fabricantes de Mobiloil se tem especializado em óleos lubrificantes desde há 64 anos.

Peça



Mobiloil

Um pouco mais caro — mas vale a diferença

V A C U U M O I L C O M P A N Y